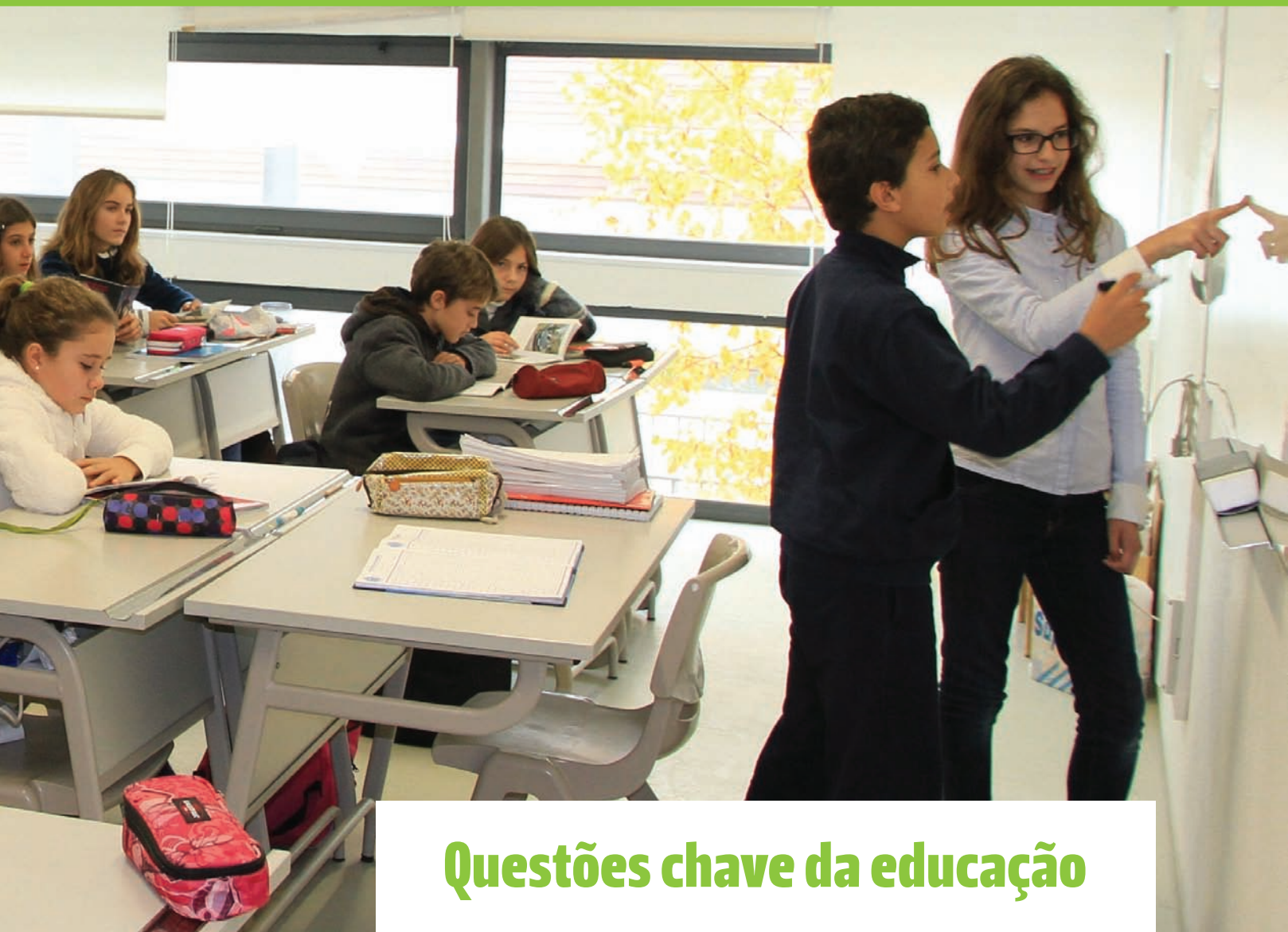


gazeta Valsassina

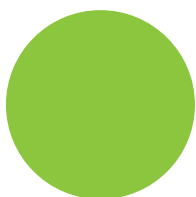
Dezembro 2011 - n48



COLÉGIO
VALSASSINA



Questões chave da educação



índice

Editorial	1
O valor de educar	2
Empreendedorismo e educação: competitividade e cidadania	3
Questões chave no ensino da língua portuguesa: Ler e escrever mais e melhor	4
Educar para uma sociedade sustentável e eficiente	5
Uma relação afetiva: o sucesso do acompanhamento tutorial	6
A educação hoje	7
O pensamento estruturante	8
O estudo da Matemática	9
Questões chave na educação	10
Educação	12
Demasiados Ecrãs	13
Bom senso e bom gosto (ou nem por isso)	14
Visitas de estudo como actividades educativas	16
Inglês no jardim de infância	18
As redes sociais	19
Escrever. Escrever. Escrever.	20
Português não é útil, é essencial	21
Educação sexual em contexto escolar: porquê e para quê?	22
Aprender a aprender	24
Questões chave no ensino da ciências:	
entrevista com a professora e investigadora Ana Mourão	26
Evolução da biodiversidade existente na ilha da Berlenga, o caso do Airo e da Gaivota de Patas-Amarelas	27
Viagem ao centro da Terra	28
Pegada ecológica do Colégio Valsassina	29
Make it possible	30
Às compras no mercado de Alvalade	32
Workshop “Faz a tua primeira página”	34
Uma ajuda à União Zoófila	35
Campanha de apoio à Casa de S. Miguel	35
Perturbação de hiperatividade e défice de atenção	36
O Karaté e a formação	38
Lições de vida	39
Quadro de honra	40
Quadro de excelência	42
Cerimónia de entrega de medalhas do quadro de excelência	43
Mérito matemático	43
Prémio de mérito académico	44
Ranking nos exames nacionais 2011	45
Acesso ao ensino superior	46
Colégio em ação	48
Aprender a tocar guitarra no Valsassina	49
Aconteceu...	50
Aconteceu no desporto...	52
Vai acontecer...	52
Próximo tema	52

FICHA TÉCNICA

Fundadores **Frederico Valsassina Heitor**
Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Director **João Valsassina Heitor**
Director Editorial **João Gomes**
Projecto Gráfico e Paginação **Sandra Afonso**
Impressão **LouresGráfica**
Propriedade **Colégio Valsassina**
Tiragem **1800 exemplares**

Colégio Valsassina
Quinta das Teresinhas 1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

editorial

João Valsassina Heitor Director pedagógico

Exigência e Responsabilidade

Vivemos uma época centrada, em demasia, nos resultados.

A pressão da sociedade, o stress profissional das famílias e as expectativas de um emprego estável e bem remunerado para os filhos, no futuro, faz com que muitos dos Pais e Educadores exerçam demasiada pressão junto deles, em idades onde a falta de maturidade é ainda significativa, para obterem resultados de excelência, sendo que, em muitos casos, tal procedimento não vem acompanhado de uma atenção especial dada ao comportamento e atitudes que eles têm no dia-a-dia.

Todos nós sabemos que é importante educar com padrões de excelência e exigência. É essa a nossa obrigação. Mas temos, ao mesmo tempo, de desenvolver competências nos nossos filhos e alunos que os tornem mais responsáveis, autónomos, solidários e com espírito crítico.

Existe um processo de aprendizagem ao longo do tempo e, em cada momento, é fundamental ter em atenção a idade, maturidade e personalidade de cada um.

Para tal, é necessário criar neles uma “mentalidade de crescimento” contínuo, em que o tempo dedicado a cada tarefa, o esforço despendido e a aplicação são vitais para se alcançar o sucesso. Contudo os nossos jovens não têm que ser os melhores em tudo. Eles também necessitam de ter tempo para se divertirem e conviverem com os amigos. O essencial é que se esforcem, isto é, o fundamental está no comportamento e na atitude face ao trabalho.

Tal como diz o professor da Universidade de Harvard, Dr. Tal Ben-Shahar, no seu livro “Em Busca da Perfeição”:

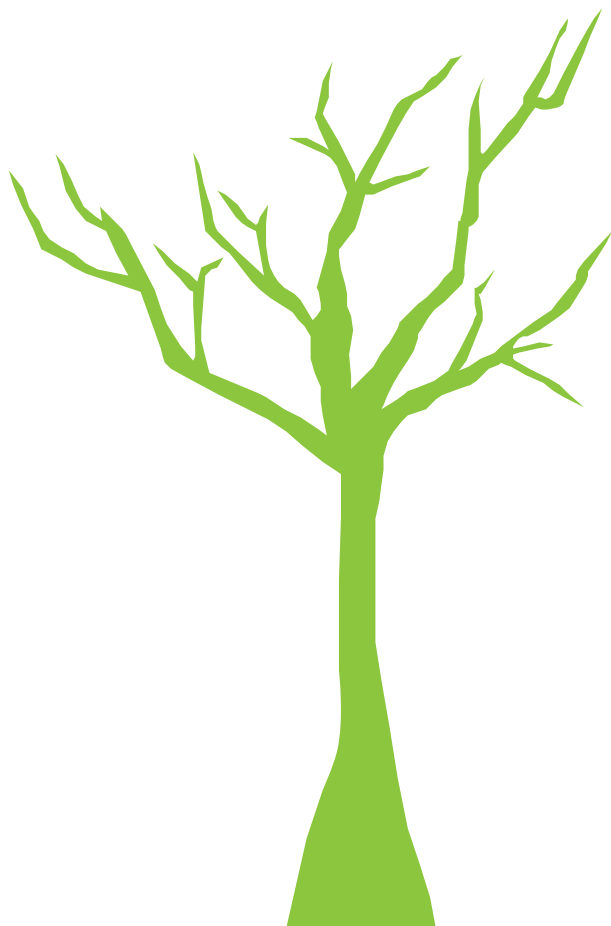
“O sucesso e a felicidade de uma criança a longo prazo dependem largamente de ela perseguir objetivos desafiantes, aceitando ao mesmo tempo o falhanço e as imperfeições. O desafio para pais e educadores é combinar as altas expectativas com a permissão e o encorajamento para explorar, arriscar e falhar.

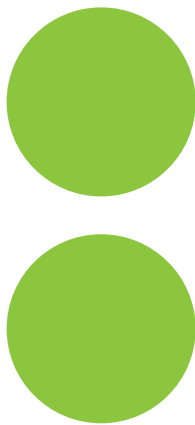
Desde que a criança esteja segura, deve permitir-se que tome as suas próprias decisões imperfeitas, de forma a viver a dor do fracasso e o prazer da aprendizagem, o orgulho do sucesso e a vulnerabilidade da independência.

Os educadores deviam enfatizar constantemente o processo – o trabalho duro, o esforço, a satisfação da jornada, a importância dos fracassos como oportunidade de aprender – em vez do resultado final. Isto é, **privilegiar a aprendizagem em detrimento do prémio ou da nota final.**”

Isto também significa que a formação humana dos nossos jovens tem um papel fundamental no sucesso. É também esse o nosso objetivo, e é com agrado que verificamos que, no último ano letivo, houve um aumento em 30% do número de alunos que foram distinguidos no Quadro de Excelência, que distingue não só os resultados académicos, mas, na mesma proporção, as atitudes e comportamentos a nível da dimensão humana dos alunos.

Desejo a todos um feliz Natal e um Ano Novo de 2012 com muito Amor e Bom Humor.





em destaque
**“Educar é mostrar
a vida a quem
ainda não a viu...”**

O valor de educar

Jorge Carvalho Jurista. Docente Universitário. Membro do Conselho de Administração da ABES - Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior. Membro do Conselho Superior do Colégio Valsassina

Como sabemos hoje pelos estudos antropológicos, o processo pelo qual se chega a ser homem, através do qual se forma o substrato da pessoa humana, realiza-se na inter-relação do indivíduo com o ambiente. Pode mesmo dizer-se que a pessoa humana se forma num estado de exposição ao ambiente que a rodeia, entendido este tanto como ambiente natural, como ambiente humano e cultural. Consequentemente, a educação, no seu sentido mais lato, constitui uma dimensão indispensável da formação do ser humano, sem a qual ele é ainda um ser incompleto. Mas, indissociavelmente ligada a essa incompletude e decorrente dela, está a sua condição de ser aberto ao mundo. De modo que, incompletude originária e abertura ao mundo, são características essenciais do ser humano, que se encontram correlacionadas, constituindo, assim, dois aspetos do mesmo fenómeno.

Educar é, como se sabe, acompanhar e apoiar o crescimento, desde logo, da criança e do adolescente, porque são essas as idades mais propícias à aprendizagem, o que não significa que a educação não possa ter lugar mesmo na idade adulta. Educar é, pois, proporcionar à criança, ao adolescente, e mesmo ao adulto, condições que favoreçam o seu desenvolvimento físico e intelectual e a sua estabilidade emocional, bem como a aquisição dos saberes e aptidões necessários à sua afirmação como pessoa autónoma, livre e responsável.

Mais do que um valor, a educação, sobretudo na infância e na adolescência, constitui a satisfação duma necessidade essencial, sem o preenchimento da qual o ser humano não chega a adquirir a capacidade necessária à sua plena integração na sociedade a que pertence, enquanto cidadão pleno. Para além da satisfação dessa necessidade originária essencial, não restam dúvidas de que o ato de educar, desde que devidamente informado, constitui um valor decisivo de enriquecimento pessoal e social.

Mas, atenção: mais do que saber científico, mais do que saber utilizar métodos pedagógicos adequados, mais do que gostar de educar, exige-se de quem educa, sentido de responsabilidade. O que significa que, para além dos referidos atributos, é preciso que se tenha uma clara consciência da enorme exigência que a tarefa implica. A não ser assim, corre-se o risco do processo educativo vir a ser mal sucedido. A probabilidade de que isso aconteça é tanto maior quanto maior for a distância do educador perante o educando.

Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu... ou a não viu completamente... **Educar é, pois, uma ciência e uma arte, das quais depende, em qualquer sociedade, a harmonia social e o progresso civilizacional.**



“Compete à Educação das próximas décadas, ministrar conhecimento economicamente aplicável, fomentar a iniciativa e a assunção de riscos e limitar a dependência e o conformismo.”

Empreendedorismo e educação: competitividade e cidadania

Luís Palha Administrador de Jerónimo Martins. Presidente da Associação Portuguesa das Empresas Emitentes. Membro do Conselho Superior do Colégio Valsassina

O mundo dá muitas voltas e com ele a Educação. Nas últimas décadas – para falar só do passado mais recente – muitos têm sido os ciclos de mudança.

Nos anos setenta e oitenta, aproveitando a dinâmica de maio de 68, Educação era Cultura e quase só cultura. O Homem era mais rico se mais culto, e a riqueza material apenas seria relevante para proporcionar acesso igualitário ao conhecimento. Os exemplos que então chegavam das economias planificadas eram os mais exaltados – um país escolarizado era fatalmente mais rico.

A ideia de que a Educação pudesse contribuir para a preparação profissional dos cidadãos viveu, durante esse período, uma existência apagada. O ensino técnico foi sendo despromovido, a especialização cedeu espaço ao generalismo, a massificação ganhou ao mérito.

Nos anos noventa, por oposição a uma cultura de conhecimentos, desgarrada das riquezas materiais, emergem os conceitos de Competências e de Empregabilidade. As rodas dentadas da Educação passam a estar engrenadas e a submeter-se às das exigências da atividade económica. Em troca desta instrumentalização, o Estado e as empresas deveriam garantir a criação de emprego. O que até funcionou durante um dos maiores ciclos de crescimento da História moderna – a era Clinton – em que explodiram as economias da China e da Índia e as taxas de desemprego, nos mais diversos países, atingiram os seus valores mais baixos.

Atavessamos agora outro momento de transição. Se é verdade que, um pouco por todo o lado, se continua a assistir a manifestações de indignação e à exigência de políticas de criação de emprego, começa a ser cada vez mais claro que muitos mais têm de tomar o futuro nas suas mãos e criar por si próprios o que agora exigem dos outros. O mundo que se avizinha não será, com certeza, um mundo só de pessoas com ideias e iniciativas, os empresários. Mas cada vez será mais necessário preparar toda a sociedade para que estes apareçam no maior número possível. Compete à Educação das próximas décadas preparar esse caminho, ministrar conhecimento economicamente aplicável, fomentar a iniciativa e a assunção de riscos e limitar a dependência e o conformismo.

Outros ciclos virão, mas nos tempos que se seguem dificilmente poderemos contar com um Estado paternal, criador de Emprego. **Na Educação, as próximas décadas serão as do empreendedorismo, da iniciativa individual dos Cidadãos.**



em destaque **Questões-chave no ensino da língua portuguesa . Ler e escrever mais e melhor**

Fernando Pinto do Amaral *Comissário do Plano Nacional de Leitura*

“Ao contrário da fala, a leitura e a escrita não são inatas e exigem treino.”

Quando se trata do ensino da língua materna, julgo que o essencial continua a jogar-se desde a primeira infância, ao nível da Educação Pré-escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico, sendo necessária, acima de tudo, uma boa aprendizagem da leitura. Essa é a base de onde tudo nasce. Assim, as crianças devem, antes de mais nada, conhecer bem as letras do alfabeto, sabendo associá-las aos sons representados e construindo depois, pouco a pouco, uma competência de leitura que lhes permita descodificar as palavras de uso corrente, num processo que, nos primeiros tempos, requer obviamente algum esforço, mas que depois se torna automático. Mais tarde, durante o seu percurso escolar, os alunos deverão alargar a amplitude do seu vocabulário e passar da descodificação à compreensão e à interpretação, de modo a que, ao longo dos anos, se sintam cada vez mais à vontade perante os textos novos e progressivamente mais complexos que lhes forem apresentados.

Se os alunos aprenderem bem a ler, aprenderão também a escrever, já que estas duas competências evoluem paralelamente e constituem, afinal, o espelho uma da outra. Quanto a mim, os textos poderão ser diversificados – literários e não literários – sempre com o propósito central de enriquecer o universo de referências de cada aluno. Para isso considero absolutamente fundamental o fácil acesso aos livros e a familiaridade com eles, tanto em casa como na escola, por exemplo através do frequente recurso à biblioteca, onde a Internet não deve ser encarada como inimiga da leitura, mas, pelo contrário, como uma fonte de mais leitura e de maior conhecimento.

Ao contrário da fala, a leitura e a escrita não são inatas e exigem treino. Assim, se ler e escrever se transformarem em práticas quotidianas, apoiadas por professores dedicados e sempre disponíveis para esclarecer qualquer dúvida, creio que estaremos a cumprir o nosso principal objetivo como educadores e, em particular, no que toca ao ensino da língua materna, levando os nossos jovens a ler e a escrever cada vez mais e cada vez melhor. Só assim dominarão a sua língua e poderão desenvolver um sentido crítico fundamental para se tornarem cidadãos de pleno direito, capazes de pensar pela sua própria cabeça e de tomar nas mãos o seu destino.



Educar para uma sociedade sustentável e eficiente

Margarida Gomes Directora técnico-pedagógica da ABAE/FEE Portugal

Hoje, a principal certeza comum a todos os portugueses, europeus e quiçá à maioria dos cidadãos do mundo é a incerteza ou insegurança face ao futuro. Se é verdade que o futuro sempre foi algo que uns tentaram adivinhar, outros moldar, outros prevenir é igualmente verdadeiro que a incerteza das previsões, ou a dificuldade em caminhar para cenários desejáveis, aumenta em períodos chamados de crise ou de desequilíbrio ambiental, económico ou social que põem em evidência insustentabilidades.

O equilíbrio ambiental, o êxito económico e o progresso social definem em conjunto o paradigma de uma sociedade sustentável. Educar para a sustentabilidade torna-se por isso ainda mais urgente numa época em que estamos rodeados de inseguranças que parecem não parar de afectar os três pilares da sustentabilidade: da crise climática à económica, do desemprego e aumento das desigualdades sociais, à perda galopante da biodiversidade, múltiplas são as evidências.

Há quem defenda que a educação atua pela presença e pela ausência de abordagens. Desta forma se as questões de sustentabilidade não são abordadas, ou são apenas de forma teórica e desligada da realidade, o educador passa, tacitamente, a mensagem de que estas não são relevantes no processo educativo nem na compreensão das múltiplas temáticas que discute com os seus alunos. Só educadores (in)formados sobre a sustentabilidade a podem pôr em prática. Este aspecto assume ainda maior importância ao considerarmos a transversalidade da educação para a sustentabilidade nos curricula escolares.

Se é verdade que o facto de se tratar de uma das “educações transversais” que “é de todos e não é de ninguém” lhe pode atribuir um estatuto de menoridade, na hierarquia de um sistema educativo alicerçado na estrutura curricular, não deixa também de ser importante sublinhar que é essa característica que lhe confere a particularidade de se tratar de um conceito holístico e dilemático que obriga por isso à compreensão mas também ao debate e ao equacionar das diversas vertentes e pontos de vista. Por outro lado, uma proposta educativa que envolve a visão do mundo como um todo, não pode, nem deve, ser tratada de outro modo. É impossível reduzi-la a apenas um departamento, uma disciplina ou programa específico. Ela deve estar inserida na vida e no quotidiano de todos os indivíduos.

Na prática, a eficácia é relativamente simples de medir.

Somos eficazes quando atingimos os objectivos previstos, sejam eles uma dada percentagem de sucesso escolar, ou o simples acto de iluminar um edifício. Já a eficiência é mais complexa dado que implica geralmente mudanças. Ser eficiente na educação é também ter a capacidade de formar cidadãos activos, participativos e com capacidade de decisões ... eficientes. Já ser eficiente na iluminação de uma sala, advém sobretudo da instauração de novas formas de iluminação natural e artificial, devendo ter-se em conta métodos de produção, de automatização de procedimentos e da tecnologia presente.

Em qualquer dos casos, no entanto, ganhos de eficiência traduzem-se geralmente em diminuições de custos a curto ou médio prazo. Tal facto não é certamente de ignorar nos tempos que correm.

Pede-se cada vez mais aos educadores que sejam eficazes na sua actuação: que formem jovens para o sucesso escolar, com capacidade de competir nos acessos aos cursos e mais tarde aos empregos disponíveis. No entanto, a sustentabilidade implica não só eficácia como também eficiência. Ou seja: é indispensável não só atingir objectivos, mas consegui-lo com a máxima competência: consumindo o mínimo de esforço, tempo e recursos (incluindo os naturais).

Assim sendo uma educação que mais do que eficaz, pretenda ser eficiente e sustentável, tem que **articular de forma equilibrada a teoria com a prática, o acesso à formação com a capacidade de a questionar e interpretar, o conhecimento com a ação**. Se forem estas as estratégias estará assegurada uma educação de qualidade capaz de formar cidadãos preocupados com a produção consciente ou o consumo responsável. O papel do educador é o de trabalhar as pequenas mudanças diárias, no sentido de garantir maior eficiência nas decisões, opções e escolhas que constantemente é necessário realizar, quer enquanto indivíduos e elementos de uma família e comunidade, quer mais tarde, enquanto profissionais, decisores e cidadãos.

Terminamos com um desafio que pretende enfatizar uma das metodologias de educação para o desenvolvimento sustentável: o eco-repórter da energia.

A proposta é a da realização de um conjunto de investigações (inquéritos, entrevistas, recolha de informação) em torno da eficácia e eficiência com que utilizamos a energia. Os enfoques poderão ser diversos: das energias renováveis, aos hábitos de consumo; dos hábitos de mobilidade às implicações do consumo de energias no aquecimento global.

A mensagem que se pretende transmitir deverá ser elaborada sob a forma de uma ou várias das seguintes modalidades: reportagem, vídeo, rádio.

Fica o desafio. Aguardamos as reportagens.

em destaque **Uma relação afetiva: o sucesso do acompanhamento tutorial**

Maria Alda Soares Silva Diretora dos Departamentos Didáticos

“... a proximidade e o conhecimento de cada aluno são uma marca do Colégio...”



Quando ingressei no Colégio Valsassina como professora, em 1965, verifiquei que os Diretores, Dr. Frederico Valsassina e seus Pais, conheciam pelo nome todos os alunos. Não só o nome, mas as notas, os progressos e insucessos, a família e, o que era ainda mais importante, a sua maneira de ser e de estar, individualizada, única.

Era tão natural ver o Dr. Frederico passar pelos corredores e elogiar uma nota no último teste de um aluno, como vê-lo repreender outro que tinha tido uma falta de castigo. Parecia fácil, mas era um grande esforço de memória e também fruto da afetividade com que todos eram tratados, mesmo quando chamados ao gabinete e uma reprimenda, com um vozeirão forte, ecoava pelas salas mais próximas.

O número de alunos, embora já elevado para a época, permitia essa relação.

Apreendi, ao longo dos anos em que trabalhei com ele, a importância dessa aproximação aos alunos e família e como ela exige tempo, disponibilidade para ouvir, para apoiar, para corrigir, em suma, para participar, com os pais na árdua tarefa que é educar. Fez da **proximidade e do conhecimento de cada aluno, uma marca do Colégio, uma característica fundamental do nosso Projeto Educativo**. Ensinou-me a mim e a todos pelo exemplo. E principalmente ao filho, Dr. João Valsassina, que compreendeu, dado o crescimento do Colégio, ser impensável essa individualização sem um efetivo acompanhamento tutorial dado pelos coordenadores de ano. Cargo a que tem dado a maior atenção.

São eles um dos “rostos” do Colégio, desde a entrevista de admissão dos alunos até ao final de ciclo.

Permanecendo todo o dia no Colégio, com menos turmas de docência, estão disponíveis para atuar junto dos alunos como conselheiros, orientando-os nos estudos, recebendo todas as informações dos professores, dialogando com a família, resolvendo problemas de disciplina, e outros. Portas dos gabinetes sempre abertas para os que precisam de um conselho, de uma informação, de manifestar uma crítica.

Com orientações comuns emanadas da Direção, os coordenadores de ano têm obviamente, a sua maneira pessoal de interagir com os seus alunos e famílias. Nada mais errado do que estabelecer comparações entre eles. Para as crianças e jovens em formação é bom que se habituem a reconhecer no adulto as suas peculiaridades; em casa, em relação aos pais e familiares mais próximos, e na escola, em relação a coordenadores, professores e funcionários.

Todos contribuem, na medida das suas responsabilidades, para que os nossos alunos se sintam felizes, tenham sucesso académico e sucesso pessoal. Pelos coordenadores de ano passa grande parte desse trabalho. Cabe às famílias conhecê-los, reconhecer a sua importância no acompanhamento dos filhos, levar ao seu conhecimento os elementos que permitam compreender melhor as suas atitudes.

Dialogar, sempre. Pôr dúvidas. Não deixar que o silêncio seja gerador de equívocos. Um telefonema, um mail, uma pequena reunião pode ser uma ajuda preciosa.

Creio sinceramente que os antigos alunos (num número significativo) que aqui matriculam os seus filhos, procuram no Colégio não só a qualidade de ensino mas a relação afetiva que eles próprios estabeleceram com a Direção e com a Equipa diretiva constituída pelos coordenadores.

A Educação Hoje...

Carla Ribeiro Tavares Encarregada de Educação. Psicóloga Clínica

“A escola não deve formatar ideias/pensamentos, mas espicaçar a curiosidade, o espírito crítico e interventivo dos seus alunos.”

Foi com todo o prazer que aderi ao desafio lançado pelo Colégio, no sentido de refletir sobre as questões chave que a educação hoje nos coloca. Sem querer entrar em discussões académicas, pretendo com o presente artigo partilhar algumas ideias que considero relevantes.

A educação surge cada vez mais como um indicador de desenvolvimento e um pressuposto essencial à sustentabilidade de toda uma sociedade.

Temos vindo a assistir a uma crescente descrédibilização do modelo educativo vigente.

A escola apresenta-se como um espaço de formação não só académica (desenvolvimento de competências cognitivas), mas de consciências (capacidade crítico-analítica da realidade circundante).

Cabe à escola enquanto instituição, e sem nunca esquecer o papel da família, criar contextos facilitadores de aprendizagem. Através da responsabilização e respeito pelos timings individuais promover o debate de ideias, em que professores e alunos constituam o motor do desenvolvimento.

Com base nesta dialética, trabalha-se **o direito e o respeito pela diferença e a importância de estabelecer sinérgias com vista à consecução do objetivo comum.**

Fala-se cada vez mais da importância da sociedade civil na resolução dos problemas com que nos deparamos, pois é justamente na escola que começa o despertar da consciência cívica com gestos tão simbólicos como o respeito pelo espaço do outro em toda a sua abrangência. A escola não deve formatar ideias/pensamentos, mas espicaçar a curiosidade, o espírito crítico e interventivo dos seus alunos.

O sistema educativo não pode, igualmente, esquecer a sua dimensão afetiva, **aprendemos melhor tudo aquilo que vivenciamos.** A pegada emocional é garante de coesão e conduz à criação de um ambiente securizante para que todos cresçam ao seu ritmo.



em destaque **O pensamento estruturante**

Filipe Oliveira Vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática



É inequívoco que durante a primeira década deste século surgiu uma maior preocupação com o Ensino da Matemática por parte dos mais variados sectores da sociedade portuguesa: associações profissionais, associações de pais, comunicação social e até por parte do próprio Ministério da Educação. Durante os anos noventa era comum assistir-se à desvalorização dos maus resultados dos alunos a esta disciplina. Tal já não sucede, em nenhum quadrante político. Esta constatação é obviamente muito positiva.

Infelizmente, tem sido sentida uma evidente quebra na preparação dos alunos que ingressam em cursos superiores de Ciências e Tecnologia. Face a este fenómeno, um grande número de Universidades do país tem vindo a criar programas especiais de “reciclagem” de conhecimentos do 12º ano de escolaridade destinados a alunos caloiros. Pretende-se tentar colmatar dentro do possível algumas das lacunas que estes alunos apresentam, apesar dos custos financeiros que estas iniciativas acarretam para as instituições. Se não fossem estritamente necessárias, certamente que não se fariam.

As razões para este estado de coisas são complexas. Parece no entanto óbvio que existe por parte dos responsáveis pelo currículo e pelos programas de Matemática um grande desprezo pelo valor do conhecimento em si, sendo apenas valorizado o conhecimento susceptível de ser aplicado de forma imediata. Esta forma de conhecimento, cunhado (com um atropelo à língua portuguesa) de “competências”, tem vindo a ocupar cada vez mais espaço nos textos sobre Educação. Em contra-partida, fazem-se raras referências ao conhecimento teórico e estruturante, a partir do qual o aluno pode organizar e sistematizar o seu pensamento.

Como tal, os conteúdos mais teóricos – que permitiam ao aluno pensar globalmente a Matemática – foram progressivamente retirados dos programas de estudos. A estrutura hipotético-dedutiva da Matemática tem vindo a desaparecer da sala de aula, recomendando os “especialistas” que se recorra mais frequentemente a atividades de exploração ou de “investigação”. Estas atividades podem ter o seu interesse, mas em pequenas doses: são práticas que potencialmente desorganizam o ensino e vão minando as capacidades cognitivas dos alunos, que sem bases sólidas e estáveis não conseguem progredir.

O próprio valor da abstracção – que é o que permite unificar num mesmo conceito factos aparentemente distintos e serve de base de qualquer teoria científica – é colocado em causa. Evitando-se recorrer à manipulação do abstracto, exagera-se na contextualização, transpondo-se situações matemáticas para situações do dia-a-dia muitas vezes surrealistas. A extrema dificuldade que os alunos cada vez mais apresentam na manipulação de conceitos abstractos é preocupante. Sem abstracção, apenas podemos compreender e resolver problemas terra-a-terra.

É pois fundamental que se continue, dentro do possível, o trabalho de preparar os alunos para o pensamento matemático, ajudando-os a completar demonstrações simples ou a elaborar raciocínios que envolvam mais do que um ou dois argumentos distintos. É fundamental que se familiarizem com as técnicas de demonstração matemáticas que, desde Euclides, têm vindo a ser aprimoradas geração após geração, constituindo este legado um verdadeiro património da humanidade. É fundamental não interrompermos aqui este ciclo, levado por modas pedagógicas com muito pouca consistência. De forma mais pragmática, há a saber que são estas as capacidades que são valorizadas no ensino da Matemática universitária, constituindo a verdadeira mais-valia para o futuro intelectual e profissional dos alunos.

O estudo da matemática...

Como qualquer estudante sempre ouviu dizer e como qualquer professor de matemática sempre disse, para se conseguir fazer bem matemática é preciso primeiro fazer-se matemática.

A pergunta que deveria sempre ser posta pelos estudantes é, “o que é isso de fazer matemática?”. Se nos dizem para fazer uma coisa deviam explicar-nos o que isso é... Todos sabemos o que significa fazer contas e o que querem quando nos pedem para resolver uma equação ou desenhar um gráfico mas poucos conseguem perceber porque o fazem assim. Para isso os alunos teriam de querer saber mais, de ver novas coisas e seguir por aquelas que acham que são capazes de gostar.

Desde cedo que, no que toca à matemática, os alunos estão mal habituados, são ensinados que o mais importante é fazer bem contas e não pensar de uma forma correcta, deste modo os alunos treinam a sua atenção e não o raciocínio. Para piorar esta situação, é dada a cada aluno uma máquina de calcular. Como tal, são reforçadas duas ideias: por um lado, que o importante é fazer as contas bem; por outro, as máquinas fazem as contas por ele. O que muitos professores tentam fazer para resolver este problema é exigir “processos” diferentes dos alunos, pôr um pano por cima das contas e criar problemas. Sem dúvida que este método torna a matemática mais difícil mas treina também as competências de cada aluno. Este já não se preocupará tanto com as contas (e até já terá mais valor o uso da dita calculadora). O grande problema deste método é a sua dificuldade e, com esta dificuldade muitas vezes surgem “notas piores”, um maior esforço intelectual e a nível de trabalho. Assim, as notas de muitos alunos descem, muitos deles ao invés de procurar a parte “gira” da matemática, passam por ela, dando apenas atenção à parte mais aborrecida. Arrisco-me a referir que, para ‘boa’ sorte desses alunos existe um “documento maravilhoso” chamado o programa da disciplina. Como a disciplina deve seguir o programa, os alunos só precisam de saber o que está estipulado pelo programa, que é claramente insuficiente para se desenvolver as bases para além de exigir principalmente o tal cálculo.

Assim, cada aluno deverá tentar ver a sua situação em relação à matemática e ver em que estado está. Cada um é responsável pela sua própria aprendizagem. Quando não sabemos o que aprender temos sempre o professor, os pais, ou mesmo os colegas que podem vir a ser uma ajuda preciosa porque se encontram na nossa situação e são capazes de entender melhor a nossa forma de pensar. Quando se tem dificuldades, uma boa ideia é sempre estudar em grupo, deste modo, os melhores alunos podem ajudar os mais fracos e os mais fracos podem sentir-se mais motivados.

A matemática sempre foi um bicho de sete cabeças, mas se não pensarmos em como ela é nunca a vamos entender.

Frederico Toulson Antigo aluno do Colégio. Medalha de Prata nas Olimpíadas Ibero-Americanas da Matemática 2011. Atualmente, estudante do 1º ano do curso de Matemática Aplicada à Economia e à Gestão no ISEG – Univ. Técnica de Lisboa

em destaque **Questões chave na educação.**

Jorge Magalhães Vieira Antigo aluno. Encarregado de educação.
Assessor na Área Internacional da CGD.



No mundo atual, e na nossa cultura ocidental, a assunção de que a educação não é uma mera transmissão de conhecimentos ou informações é uma realidade clara e inegável. Constitui uma preocupação constante da grande maioria dos pais, educadores, professores, pedagogos e demais responsáveis por esta área em concreto, e todas as que lhe estão, de alguma forma, adjacentes. É uma preocupação global! A educação tem que pressupor formação e capacitação. Tem que dotar o educando de ferramentas úteis para o seu desenvolvimento enquanto estudante e, posteriormente, enquanto executor de uma profissão.

Elencar as questões chave da educação e/ou, os princípios que lhe estão subjacentes, é matéria para compêndios e tertúlias inesgotáveis.

Neste ensaio focarei três pilares, por me parecer que hoje suscitam grande discussão, eventual controvérsia e, até, risco de rutura, o que poria em causa, mais do que a evolução conceptual, o crescimento sustentado dos princípios educativos.

A interligação entre si é tanta que a sua separação só se justifica pela necessidade de clareza na explanação dos argumentos.

1 – Universalidade da Educação – Sendo a educação um direito inscrito em cartas constitucionais e de direitos universais, é essencial que se alargue a sua abrangência. Como se tem visto, em Portugal e em muitos países do mundo, a iliteracia é uma preocupação e um alvo concreto. Mesmo com a crise mundial que atravessamos, e com a pobreza endémica de muitos países, esta é uma luta que deve estar sempre na primeira linha das preocupações das populações.

2 – Qualidade da Educação – A universalidade não deve ser construída a qualquer preço. Sem dúvida que qualquer nível de educação/ensino, por mais pequeno que seja é significativamente melhor que o analfabetismo de um povo, mas, é sempre a qualidade do ensino, a base de um país mais forte, mais empreendedor e mais livre, não a sua quantidade. De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento de 2007/2008 países como Cuba, Estónia, Letónia e Barbados, ocupavam os primeiros lugares do topo de alfabetização mundial com taxas da ordem dos 99.8% enquanto os Países Nórdicos, EUA, Inglaterra e França apareciam a meio da tabela com 99%. Segundo este índice, Portugal aparecia em 68º lugar com 94.9%. Penso que ninguém põem em causa a qualidade do ensino em Portugal (e o reconhecimento internacional dos nossos formandos revela-o) e, muito menos, alguém reconhecerá maior qualidade no ensino Arménio ou do Reino de Tonga, apesar destes países aparecerem, muito acima de nós, na referida tabela.

Esperemos por isso que as novas políticas de massificação do ensino público (por necessidade de incorporação de alunos que abandonam o privado, ou outros fatores economicistas consequentes da crise que atravessamos) não redundem num retrocesso dos níveis de qualidade, atingidos e reconhecidos nos últimos anos.

3 – Transversalidade e Especificidade – As exigências do mundo atual levam a que, cada vez mais cedo, seja necessário que as crianças tenham acesso a um leque, o mais alargado possível, de áreas de conhecimento e de interesse.

“... depois de conhecermos a floresta, vamos estudar em detalhe a árvore para que esta continue robusta e dê os frutos mais deliciosos, criando sinergias com toda a sua envolvente, numa ótica de melhoria contínua de padrões de desenvolvimento e qualidade.”

É com agrado que vejo, no nosso Colégio, a introdução curricular de matérias como Línguas Estrangeiras, Filosofia e Informática, por exemplo, situação tão distante do que era lecionado na primária dos nossos pais e avós. Sem dúvida, saberiam contabilizar mais rios e mais caminhos de ferro mas, se adicionarmos as solicitações do presente milénio, com que valor acrescentado para a vida quotidiana?

Advogo, portanto, que se apresentem ao longo da vida académica, os mais variados horizontes e o maior número possível de matérias para que, a escolha de um futuro profissional seja mais sedimentada em factos do que em sonhos e, para que o aluno construa a sua vida tendo conhecimento da vastidão de possibilidades que tem à sua frente.

Escolha feita, que se encaminhe para a especialização.

Aí o ensino, superior e de pós graduação ou, por via especificamente profissionalizante, terá um papel fundamental na formação de peritos que levem a sua área vocacional a atingir níveis de performance o mais perto possível da perfeição seja em que setor da economia/sociedade for.

Em suma, depois de conhecermos a floresta, vamos estudar em detalhe a árvore para que esta continue robusta e dê os frutos mais deliciosos, criando sinergias com toda a sua envolvente, numa ótica de melhoria contínua de padrões de desenvolvimento e qualidade.

Quando todos puderem estudar e aprender com qualidade, souberem e puderem fazer as suas escolhas e, forem realmente bons naquilo que fazem, viveremos sem dúvida, num mundo mais educado, num mundo melhor!



em destaque
“Como todos os filhos, faz despontar em mim, com aqueles olhos grandes e aquela infinita doçura, um sol quente em dias de tempestade, e um imenso medo de errar. Se o trabalho me causasse igual insegurança, já estava no desemprego, certamente!”

Educação

Cláudia dos Santos Augusto Encarregada de educação. Conservadora de registo

Não resisto ao desafio de escrever sobre este tema, que me é tão caro e misterioso, e sobre o qual tão poucas vezes tenho oportunidade de me expressar. Porque não se encontram palavras suficientes, porque cada palavra a mais distorce tudo o que se pretende transmitir. Mas este convite a uma reflexão convida também a, de uma forma intimista, como se de um desafio em um qualquer blog pessoal da moda se tratasse, à entrega ao sabor da pena e do pensamento, a não ter medo da medida das palavras usadas.

Educar é o maior desafio e a maior honra que tenho e poder partilhar como me sinto a maior parte do tempo sobre este assunto constitui para mim grande alívio. É uma honra e um privilégio ser mãe e é difícil identificar o ponto em que deixo de educar porque fico cega de amor. Como se amar e dar educação não fossem uma coisa só. A maior parte das vezes ando, assim, às cegas, a tentar acertar naquilo que lhe digo, quando é que devo ralhar, se a sento à minha frente e digo “vamos conversar”, enfim... Já vos disse que a minha filha tem 3 anos? Pois...

Como todos os filhos, faz despontar em mim, com aqueles olhos grandes e aquela infinita doçura, um sol quente em dias de tempestade, e um imenso medo de errar. Se o trabalho que me causasse igual insegurança, já estava no desemprego, certamente! Educar não é ralhar, mas ralhar é uma das primeiras coisas que me ocorre fazer quando ela faz, ou ensaia, um qualquer disparate (a dimensão dos disparates varia brutalmente com a idade, quem dera aos pais de filhos adolescentes que os disparates nessa fase se resolvessem com os ralhetes da infância...). Também uso amiúde a técnica do “vamos conversar”, e esta até resulta melhor, faço-me ouvir com mais facilidade e a coisa sossega, durante uns bons... dois, três minutos!

Mas educar também não é colocar um filho no pedestal e permitir-lhe todas as traquinices, faltas de, lá está, educação, gritarias, birras, etc, porque será da sua personalidade... Isso conduz apenas a uma geração voluntariosa mas pobre de espírito, sem humildade, sem imaginação e sem amigos verdadeiros, porque ninguém daquela geração saberá realmente o valor da amizade, ou do amor.

Acho que, meio às cegas, mas vendo à frente dias difíceis para os nossos filhos, porque nem sempre estaremos presentes quando eles tiverem as maiores contrariedades, devemos escolher as nossas batalhas e ensinar-lhes já o significado do “não”. Mesmo que o “não” seja dito a ralhar, é um “não” por amor, do coração.



Demasiados Ecrãs

Carlos Ramos Encarregado de educação. Economista

- Pai, posso ir ver televisão?
- Agora não, tens testes para a semana, precisas de te concentrar a estudar.
- Mas tu com a minha idade de certeza que também gostavas de ver televisão.
- É verdade mas já nessa altura havia que separar os momentos de lazer daqueles em que era preciso trabalhar e depois com 2 canais os filmes e programas a que podíamos assistir estavam bem definidos e não nos ocupavam muito tempo.
- Dois canais, mas só tinham dois canais? E como é que viviam?
- Muito bem e arranjávamos sempre atividades para ocupar o tempo livre.
- Jogavam PSP, Nintendo, Wii, jogos no telemóvel?
- Claro que não, nada disso existia.
- Mas então o que é que faziam? devia ser uma grande seca!

Este diálogo é de certeza familiar a muitas famílias portuguesas que têm entre mãos a educação dos seus filhos. Pais, tios, avós, etc. já tiveram esta conversa que invariavelmente acaba com os adultos a questionarem-se porque é que os jovens os questionam e encaram como se fossem ET's que desembarcaram num planeta estranho e num século distante da sua juventude. Para nós as respostas a estas questões são óbvias e naturais, vivíamos bem com uma televisão com 2 canais, praticávamos desporto, jogávamos às escondidas quando estávamos no campo ou íamos à quinta dos avós, ficávamos em casa quando chovia a jogar monopólio, às damas e enfim muitos outros jogos de tabuleiro.

Penso que existem valores básicos importantes e fundamentais que tentamos incorporar na educação dos nossos filhos, que na essência não se alteraram e permanecem idênticos ao longo das gerações. **A importância de uma instrução adequada para os preparar para a vida, a necessidade de lhes inculcarmos hábitos de trabalho, início de responsabilidade, autonomia gradual, o esclarecimento do "mito" do dinheiro gratuito que por e simplesmente aparece quando é preciso. A dignidade, honradez, respeito pelos outros, o desenvolvimento da personalidade e do carácter, a autoestima, todas estas questões chave estão presentes e fazem parte das nossas preocupações e objetivos educacionais, tal como faziam parte do quotidiano dos nossos pais e avós.**

Mas então o que é que mudou tanto nestes 30 anos e porque parece que esta tarefa parece muito mais difícil hoje em dia. Não há naturalmente uma só resposta para esta questão. Se Educar fosse só e apenas mais um teste na hora de o classificar estou certo que poderia dar muito trabalho a todos os agentes envolvidos neste processo incluindo naturalmente os professores com toda a sua experiência de avaliar os desempenhos. Diferentes contextos familiares com histórias e experiências distintas, questões civilizacionais, religiosas, sociais e geracionais fazem com que se definam estratégias educacionais que podem variar muito de família para família e conduzir a resultados também variados consoante as pessoas envolvidas. Recentemente li um livro intitulado "O grito de guerra da Mãe Tigre" escrito na primeira pessoa e de uma forma assustadamente autobiográfica pela Senhora Amy Chua sobre a forma particular que escolheu para educar as suas duas filhas e o confronto claro que existe para ela entre a educação oriental e ocidental. A Sra. Chan queria que as filhas atingissem a excelência numa área da vida delas que estava ligada à Música. Para a filha mais velha escolheu o piano e para a mais nova o violino. Para além de só permitir às filhas que tirassem A's na escola, tinham de treinar diariamente em cada instrumento um elevado número de horas, pelo que não havia qualquer tempo livre para atividades lúdicas. Resumindo uma história longa, o que a Sra. Chua acaba por partilhar connosco no fim do seu livro é que usando exatamente a mesma estratégia, para muitos de nós talvez a roçar o radical, o método permitiu-lhe uma história de sucesso com a filha mais velha e uma revolta total da parte da mais nova que não aderiu ao método e acaba por se recusar a aceitar a obsessão da mãe.

Voltando à nossa sociedade sem dúvida mais permissiva mas talvez num extremo demasiado oposto à opção da Sra. Chua eu diria que existem muitos estímulos exteriores para os nossos filhos, demasiados ecrãs. As solicitações eletrónicas altamente apelativas dum ponto de vista visual por mais que nos esforcemos por controlá-las, existem, são reais, os amigos falam, os media divulgam, acabam quase por entrar na nossa casa sem serem convidadas.

Vamos então voltar a falar-lhes de direitos e deveres, do que são direitos fundamentais e do que são direitos extra (aqueles mais associados ao tempo dedicado aos estímulos e ecrãs) e mostrar-lhes que pelo menos esses estão intrinsecamente ligados ao prévio cumprimento dos deveres. No fundo vamos ter de viver e aprender com eles este grande desafio. Será melhor que o façamos de cabeça erguida e sem baixar os braços.

Bibliografia: "O grito de guerra da Mãe Tigre". Amy Chua. Bertrand ed.

educar para as artes **Bom senso e bom gosto (ou nem por isso)**

João Pinharanda* Antigo aluno do Colégio Valsassina. Consultor da Fundação EDP para a constituição da Coleção de Arte. Programador Artístico

“Abrir o espírito à diferença, atrair as crianças e adolescentes para os territórios de aventura constituídos por formas diferentes (de dizer, de ver, de fazer) das que preenchem o nosso quotidiano é essencial.”

O título fui-o buscar a uma polémica célebre do século XIX e que, dantes, se ficava a conhecer, na disciplina de Português, logo no 11º ano. Porém, nada do que aqui escrevo reflecte os conteúdos dessa polémica. Nem pretendo comparar o contexto, literário e estético, em que ela se desencadeou com o contexto, doméstico e escolar, a que estas linhas se destinam. O título é um pretexto que serve os propósitos desta encomenda com algum sentido de oportunidade e ironia.

Termos como “doméstico” e “escolar” não excluem termos como “literário” ou “estético”, simplesmente os colocam num plano específico (necessitando de uma abordagem específica), convocam actores específicos (pais/professores, filhos/alunos) e definem palcos específicos (casa, escola, meio). O que queremos mesmo com este texto é que “doméstico” e “escolar” não excluam nem “literário” nem “estético”. Ou seja, que a **educação/instrução que damos aos nossos filhos/alunos assuma, sem complexos, a possibilidade de ser rica em conteúdos que sejam esteticamente activos (literários, teatrais, visuais, musicais, ...)** e não apenas científica ou tecnicamente activos.

E nada pode ser activo sem ser atractivo. O que se alcança de várias maneiras. Por emersão natural ou por mergulho programado. Se as paredes de uma casa estiverem cheias de livros (e não é necessário que sejam primeiras edições e encadernações de couro marcadas a ouro... apenas que os conteúdos sejam historicamente consagrados), se as paredes de uma casa estiverem cheias de imagens artísticas (e não é necessário que sejam originais, apenas que os referentes sejam de boa qualidade e a apresentação evite o kitsch da cópia disfarçada), se as salas de uma casa se encherem de sons (e não é necessário que seja apenas ou principalmente música clássica...) temos a emersão natural. Situação ideal para podermos aprofundar o que aqui apenas queríamos iniciar.

Se nada ou pouco disso (ou tudo isso em menos bom) se puder proporcionar em casa de cada um mas se muito (ou tudo isso em bom) se puder proporcionar na escola, estamos perante o tal mergulho programado que nos garante uma parte decisiva da possibilidade de estimular o gosto. E, finalmente, se um lugar (escola ou casa) puder acumular e abrir a riqueza do outro, estamos na posição rara da situação ideal para alcançar os melhores propósitos da educação pela cultura.

Haja, porém, bom senso para perceber o que deve ser esse bom gosto. O “bom gosto” (entendido numa versão linear) é uma das coisas mais perigosas da cultura e da vida, tal como o “bom senso”. Expliquemos o paradoxo, pouco claro ainda no século XIX a que se refere o título: é que, em geral, a cultura contemporânea faz-se sem senso e contra o bom gosto – como a vida dos seus criadores. A nós, que não nos podemos assumir como criadores mas como transmissores, basta que entendamos (e façamos os nossos educandos entender) as desrazões que assistem às vertigens dos grandes criadores; e de que modo o que eles fizeram de irrazoável e de insensato, de “feio” e de “mau”, pode acabar por abrir portas a novos universos e sensações, novos modos de pensar, de ver, de dizer e de sentir.



Em 1907, Picasso mostrou, as hoje consensuais *Demoiselles d'Avignon*, aos seus amigos vanguardistas e eles mesmos disseram que os estava a fazer “engolir pez e estopa”.

Abrir o espírito à diferença, atrair as crianças e adolescentes para os territórios de aventura constituídos por formas diferentes (de dizer, de ver, de fazer) das que preenchem o nosso quotidiano é essencial. Pelo menos, fazê-los entender como podem existir, em simultâneo, todas as realidades, todos os mundos, todas as cores, sons, sabores... **Levá-los a todo o lado, a ver, a ler e ouvir tudo. Levá-los a criar textos, formas e sons.** Evitar e negar o preconceito em relação ao que não se entende de imediato, lutar contra a rapidez e a facilidade, ensinando a lentidão que se exige quem faz bem, a quem lê e vê bem, ensinando a alegria que nasce do esforço que aplicamos para vencer qualquer desafio (intelectual ou físico). Não esquecer os limites do humanismo e da tolerância que essa liberdade de criar e de usufruir devem respeitar. Deixar que pelas portas abertas e janelas entre o vento de liberdade que deve unir e distinguir: cada um diferente do outro, cada um solidário com o outro. E, nesse universo de personalidades, ajudando os nossos filhos e alunos a serem livres, mantemo-nos livres nós também.

Vsita à exposição Vik Muniz, Museu Berardo. Fotografia de Sofia Caranova.

Nota: * o autor escreve segundo as regras da ortografia antiga.



educar para as artes

Visitas de estudo como atividades educativas

Sofia Caranova Professora de Desenho



As visitas de estudo são atividades educativas que, por se desenrolarem fora do ambiente normal da sala de aula, constituem uma fonte acrescida de motivação para os alunos. É por isso útil, usufruir das sinergias daí procedentes para concretizar as metas pré-definidas. As visitas têm igualmente um caráter lúdico, que enriquecem e estreitam não só o relacionamento afetivo entre alunos e professores, como entre os próprios alunos.

Concretamente na área das artes, as visitas de estudo a galerias de arte, museus, ateliês de artistas, proporcionam aos alunos experiências ativas e dinâmicas que dão lugar à reflexão e análise, através de atividades específicas articuladas com os conteúdos programáticos.

As oficinas didáticas ou workshops, organizados por instituições e museus, cativam os alunos proporcionando-lhes exercícios diversos de caráter lúdico que estimulam a capacidade criativa, proporcionam-lhes novos contextos intelectuais e familiarizam-nos com conceitos culturais suscetíveis de desenvolver as suas capacidades e imaginação.

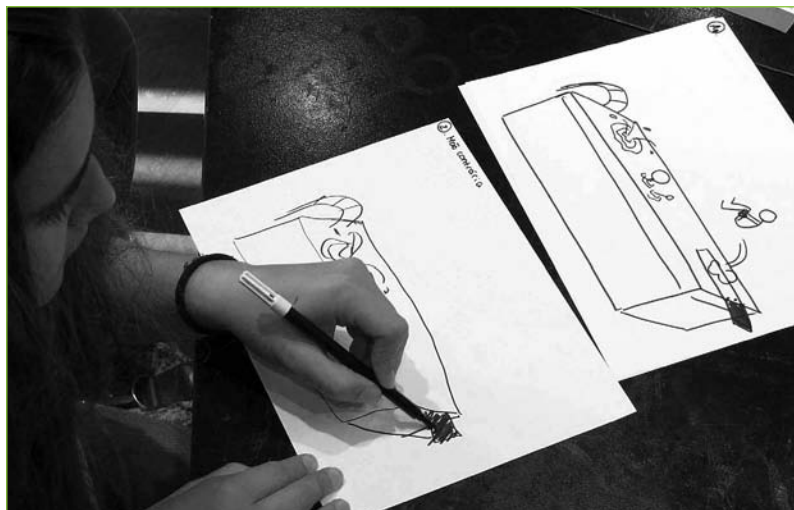
Durante o 1º período, os alunos do 10º e 11º ano do agrupamento de artes, realizaram várias visitas de estudo: Museu Berardo; Galeria Baginsky; Culturgest e Arte Lisboa 2011 na FIL.

A visita à Galeria Baginsky para conhecer as obras da artista plástica Ana Vidigal, proporcionou ao grupo de alunos o contato direto com a artista. Segundo os alunos, "...foi uma grande sorte termos como nossa guia a própria artista, e com ela esclarecermos todas as questões. Aprendemos muito com a Ana Vidigal."

Organizado pelo serviço educativo da Culturgest, os alunos participaram na oficina prática, sob o tema - Erros planeados. A oficina consistiu num prolongamento criativo das experiências obtidas ao longo da visita à exposição de artista plástico José Loureiro. Foram realizados pelos alunos exercícios práticos sobre a temática do desenho na obra do artista.



Visita à exposição de Vik Muniz, Museu Berardo



Oficina didática – Na Culturgest, Exposição José Loureiro – As Piores Flores



**Oficina didática – Na Culturgest,
Exposição José Loureiro – As Piores Flores**



**A artista plástica Ana Vidigal,
acompanhou os alunos do 10º4 e 11º4
na visita à sua exposição na Galeria
Baginsky**

educar para o multilinguismo Inglês no Jardim de Infância

Patrícia Brito Mendes Professora de Inglês

O projeto “A caminho de uma Escola Bilingue” teve início no presente ano letivo com o objetivo de estimular a aprendizagem precoce da língua inglesa, a partir dos três anos de idade, a todos os alunos do Colégio. Tem ainda como objetivo a frequência de aulas, seminários e conteúdos programáticos de algumas disciplinas leccionados em língua inglesa. Através do ensino bilingue, pretendemos preparar os alunos do Colégio Valsassina para uma sociedade cada vez mais cosmopolita e globalizada, abrindo horizontes para novas ambições universitárias e profissionais.

Em termos teóricos¹, a aquisição de uma língua e a sua apropriação por parte de um falante, em fase inicial, acontece quando este compreende aquilo que ouve e sem que para isso seja necessário o uso consciente de regras gramaticais. Trata-se de um processo gradual, em que a competência da audição surge muito antes da competência da fala.

O ensino das línguas tem sido alvo de teorização, que aponta várias metodologias possíveis, como sejam o método gramatical, o código cognitivo, o áudio linguístico, o método direto, o método natural ou TPR/ ‘Total Physical Response’ ou ainda a abordagem comunicativa, sendo estas duas últimas adotadas nas aulas de Inglês uma vez que ambas permitem um bom equilíbrio entre a audição e compreensão de vocábulos e a sua prática e consolidação.

Todas estas metodologias apontam para uma produção não forçada dos vocábulos, o que significa que os falantes produzem oralmente quando se sentem à vontade para o fazer. Essa produção oral está dependente do ‘input’ dado pelo professor e será favorecido pela criação de um ambiente calmo, sem a correção constante do erro, para que os falantes não se sintam inibidos. Este último aspeto torna-se ainda mais importante quando se trata de crianças, uma vez que a segurança e confiança no adulto se revelam fundamentais na criação de um ambiente seguro, harmonioso, no qual se sintam livres para experimentar e fazer sua a língua, apropriando-se dela de uma forma criativa, que os conduza a uma aprendizagem efetiva.

C. Read², especialista em didática do Inglês, fala numa lista de palavras começadas pela letra ‘r’, importantes para assegurar um ambiente propício à aprendizagem, como sejam as relações, as regras, as rotinas, as recompensas e os direitos e deveres (rights and responsibilities).

O ensino do Inglês a partir dos três anos, e o aumento

para quatro horas semanais nas classes dos quatro anos, dispõe desde logo de uma grande vantagem que é a curiosidade das crianças e a sua enorme predisposição para aprender.

Com o objetivo de promover um ambiente favorável à aprendizagem da língua inglesa, consideramos ainda fundamental a articulação com as educadoras e a família, com vista a integrar o mais possível a língua inglesa na rotina diária das crianças, permitindo a construção de significados, que é um princípio orientador muito importante na aprendizagem³.

Alguns exemplos das atividades realizadas com o objetivo de integrar a língua inglesa no dia-a-dia das crianças e promover a sua utilização são: a criação do English Corner nas salas de jardim de infância; a sinalização de alguns espaço e objetos em inglês no interior da sala de aula e fora dela; a preparação de visitas de estudo, trabalhando vocabulário específico; a audição do cd de Inglês na sala e em casa e ainda a realização de “aulas abertas” para os encarregados de educação.

A aprendizagem da língua inglesa tem-se revelado fundamental e a aposta no seu ensino a crianças em idade precoce é o desafio que agora se coloca.



¹ KASHNER, Stephen, *in: Principles and Practice in Second Language Acquisition, English Language Teaching Series, Prentice-Hall International, London, 1981.*

² READ, Carol, ‘Managing Children Positively’, *in: English Teaching Professional, Issue 38, Modern English Publishing, 2005.*

³ Acerca da construção e apropriação de significados como um dos princípios orientadores da aprendizagem ver: CAMERON, Lynne, *in: Teaching Languages to Young Learners, Cambridge University Press, 2001.*

educar com As redes sociais as redes sociais

Há muito que a humanidade procurava algo que lhe permitisse estar em constante contacto com o mundo exterior. Não, o telemóvel não serviu, nem de perto nem de longe. Não chega **poder** estar em permanente contacto, tem que se **estar** em permanente contacto. A facilidade que temos hoje, de ligar o computador, e aceder a uma página da internet, como o facebook, por exemplo, está a tornar-nos algo dependentes de informação atualizada ao segundo. É absolutamente aterrorizante a facilidade com que, em apenas alguns segundos, conseguimos saber onde é que um amigo nosso passou o fim de semana, ou quem foi à festa de um amigo de um amigo nosso.

O grande problema está na incapacidade por parte da grande maioria dos utilizadores das redes sociais em dizer não à informação, ou mesmo ao excesso da mesma. **Não sabemos dizer “já chega”**. Com as redes sociais, tornou-se impossível distinguir o razoável do obsceno, e o importante do ridículo. Passo então a explicar. Talvez muita gente não se encaixe no que estou a escrever, pois provavelmente publicarão coisas do género “Não concordo com as medidas tomadas pelo governo”, ou “dia 11 de novembro pelas 11:11h, vai ser feito um minuto de silêncio pelas pessoas que têm realmente fome no nosso mundo”. Estas pessoas publicam, a meu ver, informação necessária e importante, que não é, de todo, dispensável, e que pode gerar debates ou promover um certo tipo de atitudes que deveriam ser encorajadas. De quem eu falo é de quem não consegue distinguir esta informação que referi, da informação inútil. Estes utilizadores são os que fazem login na sua página de facebook apenas para dizer “não acredito que está a chover”, ou mesmo (por incrível que pareça, eu já li uma publicação semelhante) “Fui à escola hoje, vim para casa e agora estou a ver televisão”.

O que quero dizer com estes exemplos é que talvez as redes sociais, ou o excesso de importância às mesmas atribuído, pode ter contribuído para o desaparecimento de um “filtro mental” na maioria dos utilizadores, que fez destes locais um meio de intriguice, divulgação de informação barata e cyberbulling.

O **cyberbulling** é talvez um dos maiores perigos das redes-sociais. Nelas são divulgadas imagens insultuosas, frases ou documentos que têm como fim magoar ou ferir a imagem de outrém. Provavelmente, a facilidade e rapidez de propagação da informação acabam por tornar mais

simples estes processos de ofensas pessoais.

Mas as redes sociais não vieram dar só um mau contributo aos nossos quotidianos. Por exemplo, durante o processo de reconstrução das estruturas danificadas pelos temporais no Haiti, muitas organizações angariaram dinheiro pelas redes sociais. Estes meios são importantes, não só no seu lado financeiro, como emocional. Um papel importante destas redes sociais passa muito pelo apoio emocional e o manifestar de emoções. Podemos ter como exemplo o mês de junho de 2011, em que o guitarrista, Zé Pedro, da maior banda de rock portuguesa, os Xutos & Pontapés, foi operado e foi-lhe transplantado um fígado (devido à existência de um tumor). Durante semanas os fãs expressaram a sua solidariedade para com o músico, no facebook da banda. Sem qualquer dúvida, podemos concluir que este tipo de apoio foi importante na recuperação da pessoa em questão.

Esta é uma vertente muito importante e a explorar nas redes sociais que, como qualquer inovação, tem aspetos positivos e negativos. A solução para tornar a utilização das mesmas mais agradável passa pelo cuidado, respeito pelo espaço e integridade dos outros. Para finalizar, estes mecanismos vieram tornar o mundo mais unido, permitiram uma maior interculturalidade e contribuíram para uma aceleração imensa na divulgação de informação, que do meu ponto de vista, é bastante importante.

Joana Luís, 11ªIA Trabalho realizado para a disciplina de Educação para a Cidadania.



educar para a cultura e língua materna

Escrever. Escrever. Escrever...

Liliana F. Verde e Paula Gonçalves. Professoras de Língua Portuguesa e de Português

Muitas são as questões-chave em torno da Educação. No que diz respeito ao ensino do Português, língua materna, nas últimas décadas, a melhor investigação tem centrado muita da sua atenção na escrita.

Deparamo-nos diariamente com textos redigidos pelos alunos que nos dão uma perceção da forma como estes pensam e como estruturam o pensamento. Destacam-se dificuldades ao nível micro e macroestrutural, ou seja, erros ortográficos, de acentuação e pontuação, sintáticos, semânticos e estruturais, de organização hierárquica das ideias e na tradução coesa/coerente do pensamento linguístico. À medida que avançamos no grau de escolaridade, esta dificuldade parece acentuar-se, preocupando-nos, por vezes, alguma indiferença com que os alunos encaram a sua escrita.

Pela observação diária do trabalho dos alunos e pelos diálogos que vamos estabelecendo com eles, pensamos que as dificuldades que se prendem com a escrita assentam em vários fatores. Aqui, gostaríamos de focar dois que, para nós, enquanto docentes, são essenciais e merecem cada vez mais reflexão por parte da comunidade escolar e familiar.

O ser humano está geneticamente preparado para usar a linguagem. Por isso, fala e expressa-se através de um determinado código na comunidade linguística a que pertence. Curiosamente, escrever não é inato ao ser humano, é uma forma não natural de expressar o pensamento que, embora esta circunstância, implica adaptação, um método acurado e um trabalho de grande persistência por parte do escrevente. Destas certezas resultam, então, duas grandes necessidades: a da existência de tempos e espaços propícios à escrita, e a de um trabalho exaustivo e progressivo de redação.

Hoje, constata-se a sobre-utilização de informação dispersa e de uma linguagem icónica acessível e de fácil consumo pela televisão, pela internet, pelos videojogos que tendem a uma atitude passiva das novas gerações. É fundamental que o crescimento cognitivo das crianças assente numa organização filtrada de informação, procurando-se a educação linguística e textual em contextos (in) formais, que serão o suporte de estruturas cognitivas de elevada abstracção e raciocínios complexos. Neste contexto, a Escola desempenha um papel fundamental não se podendo descurar, no entanto, o papel basilar do contexto

extra-escolar. Infelizmente, o que não for trabalhado e adquirido em cada idade específica poderá nunca ser recuperado.

Estamos bem cientes de que a escrita é uma competência específica e independente que exige que os alunos escrevam. Por isso, o ensino-aprendizagem desta competência tem-se centrado, paulatinamente, em atividades diversas partindo das dificuldades apresentadas pelos alunos.

Em suma, a escrita detém, em todas as áreas, um papel preponderante enquanto organizador do pensamento, apropriação reflexiva e crítica da realidade, bem como, a fruição cultural e desenvolvimento humanístico. Por vezes, para os alunos, o segredo está no desbloquear. O resto prende-se tão-somente com a prática e resume-se ao escrever, escrever, escrever...

Atividades de desenvolvimento da escrita

- Redação de textos subordinados a temas variados e/ou a temas livres.
- Análise crítica de textos elaborados pelos alunos (com classificação de erros e apresentação de sugestões de redação).
- Sistematização de erros e sua explicitação (com recurso à história da língua, a mnemónicas e à gramática).
- Partilha de textos redigidos (o aluno é autor).
- Planificação prévia de textos.
- Redação a partir de uma planificação.
- Revisão e avaliação textual (com auto e heteroavaliação, com orientação geral e/ou específica).
- Atividades de metacognição sobre a competência da leitura e da escrita.
- Participação em atividades formais de escrita como concursos e intercâmbios epistolares.

Bibliografia:

- FERREIRA, Paula Cristina, A Reformulação do Texto – Autocorreção, Correção Orientada, Replanificação, Lisboa, Edições ASA, 2005.**
- LOMAS, Carlos, O valor das palavras (I) – Falar, Ler e Escrever nas Aulas, Lisboa, Edições ASA, 2003.**
- REIS, Carlos et al, Programas de Português do Ensino Básico, Lisboa, ME & DGIDC, 2009.**
- PERRENOUD, Philippe, 10 Novas Competências para Ensinar, São Paulo, Artmed, 2000.**



Português não é útil, é essencial

Duas antigas alunas do Colégio Valsassina foram convidadas a testemunhar a importância do Português no Ensino Secundário em turmas de 11.º ano. Partilham, agora, a sua opinião na Gazeta.

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DO PORTUGUÊS

É frequente os estudantes de áreas científicas questionarem-se sobre a necessidade, no Ensino, da disciplina de Português com um nível de exigência equivalente àquele que é requerido aos alunos da área de Humanidades, nomeadamente no que diz respeito ao exame nacional do 12.º ano de escolaridade. De fato, no meu parecer, o domínio adequado do Português é indispensável a todas as áreas do conhecimento, independentemente de a sua aplicação se reportar à Literatura Humanística ou a artigos de carácter científico e técnico.

O desenvolvimento de competências como o sentido crítico e a capacidade de fluência oratória revela-se, no decorrer do percurso escolar, académico e, mais tarde, profissional, extraordinariamente relevante. Creio que a adoção de métodos de trabalho e de estudo na disciplina de Português, tais como a leitura e análise de obras literárias e a redação de textos expositivos-argumentativos e opinativos, é necessária na medida em que possibilita aos estudantes uma melhor compreensão dos assuntos tratados e uma maior fluência na exposição de diferentes temáticas.

Por fim, mas não menos importante, o estudo do Português é, por si só, uma fonte de cultura inesgotável. E julgo que é sobretudo neste aspeto que a disciplina permite a extrapolação para a vivência diária de cada um, para o estabelecimento de relações interpessoais, para a formação da dimensão humana individual e para a descoberta do prazer da nossa identidade linguística.

Ana Sofia Cavaco Antiga aluna do Colégio Valsassina
Estudante do 1.º ano do curso de Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

“O MAR SEM FIM É PORTUGUÊS”

Devo confessar que foi com alguma surpresa que recebi o desafio de ir testemunhar a minha experiência de aprendizagem do Português no Secundário a uma turma do 11.º ano. Talvez porque este significava estar irremediavelmente afastada do lado da carteira que aprendi a considerar meu, para estar agora em frente daqueles que, como eu, estranham o ritmo de um novo ciclo.

E se um dos primeiros ensinamentos do Português é que tudo tem princípio, meio e fim, nada mais havia a fazer do que começar por definir o Português no Secundário. Em três anos de estudo de obras e autores, **mais do que**

aprender histórias, vivemos a História. Por isto, Português é o Mundo, com o seu passado, o presente e o sonho de futuro. Por outro lado, esta disciplina é um convite permanente à descoberta de nós mesmos. Porque, afinal, se eu gosto de Fernando Pessoa e de Eça de Queirós, ao meu lado há quem prefira Saramago, atrás de mim reclama-se a genialidade de Camões, e algures noutro canto da sala há quem já saiba praticamente de cor o sermão do Padre António Vieira. Nasce discussões e argumentos que racionalizam uma escolha emocional. Por isto, Português sou Eu, os meus gostos e as minhas críticas.

A necessidade de manter o ensino do Português no Secundário é premente. Trata-se, antes de mais, de saber pensar para saber exprimir. Uma boa ideia só o será verdadeiramente se ao nosso lado estiver alguém que possa entendê-la. Uma boa tese só o será verdadeiramente se estiver acompanhada de um bom argumento. Uma discussão frutuosa só o será verdadeiramente se soubermos manter o espírito crítico.

A vivência do Ensino Secundário requer, é certo, uma entrega constante e um método de estudo pessoal. Só a exigência nos fará chegar mais longe, mais alto e mais fundo. Só a motivação será capaz de nos manter firmes no nosso percurso. Só o empenho nos fará olhar para trás com a certeza de que fizemos o melhor que sabíamos. Só a dedicação ao que fazemos nos fará apaixonar por cada tema, cada obra, cada texto e, no fim, sorrir com orgulho porque gostamos daquilo que é parte de nós.

Para mim, o Português no Secundário foi, hoje me apercebo, a última oportunidade de saber mais sobre mais temas. Depois, partimos para os nossos cursos, nas nossas áreas de interesse, especializamo-nos, e o esforço para não esquecer tudo o resto que nos envolve tem de ser de cada um. Hoje, sinto que, estando disponíveis para o conhecimento, somos convidados a rever o passado, a discutir a atualidade, a redefinir posições, a encontrar certezas, a reconhecer na dúvida uma resposta.

“Que o mar com fim será grego ou romano: / O mar sem fim é português” (Fernando Pessoa). A “Mensagem” ganhará força quando soubermos fazer do nosso português esse mar sem fim, o único capaz de nos alargar horizontes.

Marta Magalhães da Silva Antiga aluna do Colégio Valsassina
Estudante do 1.º ano do curso de Arquitetura do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa

educar para a educação sexual

“A sexualidade é uma questão chave da educação atual, baseada em três dos mais fundamentais valores éticos, políticos e vitais da nossa sociedade contemporânea: honestidade, liberdade e saúde.”



Educação Sexual em Contexto Escolar: porquê e para quê?

Marina Martins Professora do Departamento de Biologia

Educar para os valores é, nos dias que correm na nossa sociedade, uma missão urgente e fundamental, sobretudo na adolescência, fase de grandes mudanças não somente num plano físico e morfológico, mas também ao nível psíquico e relacional. Durante a adolescência o corpo cresce, a voz muda e a imagem “ideal” dá lugar a uma figura estereotipada, cujos gestos desordenados atrapalham as tentativas receosas de assumir um novo eu, mais autónomo, capaz e dissociado das figuras parentais. Mas é também ao nível cognitivo e sócioafectivo que este período de vida humana demarca a infância do estado adulto. É um período de intensa construção, onde o balanço permanente entre a busca de maior autonomia e a criação de um mundo privado, resulta no equilíbrio perfeito para uma renascida identidade. E se em algumas subculturas de sociedades atuais a adolescência passa ainda despercebida, chegando a não se encontrar nos vocábulos locais uma palavra que a defina, já na nossa realidade presente podemos orgulhar-nos de assumi-la como um período extraordinário do desenvolvimento humano.

A escola é por excelência, o local onde os jovens se confrontam, pela primeira vez, com situações de convívio, partilha e conflito com outros similares, sem sentirem diretamente atrás de si, uma figura que reconheçam como responsável pelos seus atos. Estão entregues a si próprios, sendo responsáveis e responsabilizados pelas suas ações, obrigados a resolver problemas e aprendendo a assumir novos papéis sociais. A escola é o palco das novas e grandes aprendizagens da adolescência e é por isso tão importante que se assumam como veículo real de partilha e ensinamento dos valores mais essenciais.

A sexualidade humana é uma característica natural e revela-se especialmente nesta segunda década de vida, com a exploração do eu, do outro e das intensas emoções que os unem. Irrrompendo cada vez mais cedo, a sexualidade na adolescência desperta como uma odisséia intensa e exaustiva, que pode culminar com a construção de uma identidade sexual assumida, segura e consciente, ou antes numa situação caótica de sentimentos, onde os impulsos e as emoções são, ora recalcados ora extravasados, pela incapacidade e insegurança de gerir os conflitos pessoais e sociais de natureza moral.

Torna-se por isso cada vez mais evidente a necessidade de construir uma Educação Sexual focada nos problemas e dificuldades reais dos jovens de hoje, com o objetivo de educar também para a relevância dos afetos e dos sentimentos, contrariando a tradicional projeção desta temática em breves apresentações expositivas, muitas vezes centradas apenas ao carácter fisiológico e mecânico da reprodução. Os adolescentes querem e precisam de compreender muito para além disso! E a comunidade escolar (pais, professores, educadores) deve racionalizar essa necessidade com inteligência, pois revela um apelo direto dos jovens, ao bom senso e à máxima responsabilidade dos seus agentes educativos.

Trabalho realizado por: Adriana Sá Couto, Carolina Brandão e Maria Luísa Simão 9ºB

Desaulnier, M. P. (1986). A educação sexual enquanto disciplina escolar. *Revista de Educação*, 1(1), 63-68.

Halstead, J. M. & Reiss, M. J. (2003). *Values in Sex Education: From Principles to Practice* (1.ª ed.). London: Routledge Falmer.

Martins, M. (2011, setembro). Pelo Sonho é que Vamos: Projeto de intervenção de Educação Sexual em contexto escolar. Livro de Resumos e Atas (CD-ROM) do XI Congresso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía, Corunha, Espanha.

Sprinthall, N. A. & Collins, W.A. (2003). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista* (3ªed.) (C. M. Coimbra Vieira, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Trabalho original em inglês publicado em 1988.)

Educar a sexualidade na escola, focando com honestidade e confiança os temas fulcrais para a definição de uma identidade sexual segura, e saber flexibilizá-los, enfatizando ou desvanecendo arestas, de acordo com as condições particulares do público-alvo, facilita a comunicação “aluno-educador”, transpõe barreiras psicológicas na comunidade escolar e fortalece a relação “escola-família”, munindo o jovem de ferramentas essenciais para o seu sucesso pessoal.

A sexualidade é uma questão chave da educação atual, baseada em três dos mais fundamentais valores éticos, políticos e vitais da nossa sociedade contemporânea: honestidade, liberdade e saúde. Educar neste sentido, é **formar cidadãos mais informados e seguros, é consciencializar para a importância dos afetos nas relações interpessoais e é contribuir para uma saudável e mais harmoniosa (com)vivência com as escolhas e opções pessoais.**

Trabalho realizado por: **Carolina Fonseca, Afonso Almeida, Maria João Malheiro, Inês Felizardo, Filipa Abreu e Teresa Fontana 9ªA**



Trabalho realizado por: **Matilde Santana, Madalena Quilhó e Inês Pinto 9ªA**



educar para o futuro

“Live as if you were to die tomorrow. Learn as if you were to live forever.”

Gandhi

Aprender a aprender

Raquel Raimundo e Celeste Fernandes Gabinete Psicopedagógico

Todos os comportamentos de um indivíduo remetem para três dimensões psíquicas do nosso ser. A aprendizagem não é exceção! O ato de aprender corresponde a uma dimensão cognitiva (um saber relativo à maneira de aprender), a uma dimensão motivacional (uma vontade de aprender) e a uma dimensão afetiva (um gosto por aprender). **Aprender, supõe assim um saber aprender, um gostar de aprender e uma vontade de aprender.**

O que nos diz a investigação científica sobre as componentes essenciais para uma aprendizagem eficaz?

Entre outras coisas, que a competência académica envolve não apenas as habilidades académicas, isto é, as competências cognitivas básicas e complexas, tais como a leitura, a matemática e o pensamento crítico, as quais constituem o principal alvo da instrução académica, mas também os facilitadores académicos, ou seja, as atitudes e comportamentos que facilitam a participação dos alunos na instrução académica. Esses facilitadores académicos incluem as competências interpessoais, as competências de estudo, a motivação e o compromisso (DiPerna, 2006; Raimundo et al., in press). É à luz destes facilitadores que o aluno influencia o que faz, mas também o que ele faz modifica o que ele é. Este binómio do ser-agir traduz-se numa passagem do fazer, que é uma produção, ao aprender, que é uma transformação.

O que distingue um “bom” aluno?

Na aprendizagem os “bons” alunos usam tudo o que sabem sobre si próprios enquanto aprendizes, sobre o que é exigido pela tarefa e sobre a utilização das estratégias, numa integração harmoniosa da experiência passada e dos desempenhos presentes. O “bom” aluno toma consciência dos processos que utiliza, sabe identificar os objetivos das tarefas, resolve problemas, seleciona estratégias e métodos de trabalho adequados e avalia a sua eficácia, identifica as causas das suas dificuldades e corrige o seu desempenho pessoal quando não alcança os resultados esperados (Silva & Sá, 1997).

Como promover essas competências em todos os alunos?

Há processos e estratégias que facilitam a aprendizagem e que são suscetíveis de serem ensinados, de forma concertada, através de treino explícito. Este treino passa por um incremento das competências autorregulatórias ao incentivar os alunos a exercerem um papel ativo no exercício da sua própria aprendizagem. É também importante que os alunos saibam quando e como utilizar as estratégias em situações de estudo reais e que não possuam um mero conhecimento sobre as mesmas. O último ingrediente para que a promoção destas competências seja um sucesso implica o envolvimento, de uma forma ativa e orquestrada, não só dos alunos e professores, mas também dos pais (Rosário, 2002).



“O aluno só exercerá um papel ativo na sua própria aprendizagem se tiver um objetivo que pretende atingir e que seja por ele valorizado.”

Estabelecer um objetivo e esforçar-se por alcançá-lo!

O aluno só exercerá um papel ativo na sua própria aprendizagem se tiver um objetivo que pretende atingir e que seja por ele valorizado. É esse objetivo que o levará a despende esforços e a persistir nas tarefas, mesmo quando surjam obstáculos e dificuldades.

Quando se questionam os alunos acerca do seu sucesso ou insucesso, as suas respostas caem, geralmente, em 4 categorias: na capacidade, no esforço, na dificuldade da tarefa e na sorte (Silva & Sá, 1997). A atribuição da desmotivação e do insucesso à incapacidade (“não sou capaz”) e a atribuição do sucesso ao acaso (“tive sorte”) conduzem a interpretações erradas do esforço despendido, levando os alunos a adotar padrões de comportamento que não facilitam a aprendizagem. Por outro lado, a atribuição da desmotivação e do insucesso à ausência de esforço e não à incapacidade (“não me esforcei o suficiente, eu sou capaz”), assim como a atribuição do sucesso ao esforço e não à sorte (“tive o que mereço porque me esforcei”) poderá conduzir a uma aprendizagem mais eficaz.

Errar é humano?

Errar é muito mais do que humano! É vital para o processo de aprendizagem!

Não deve ser visto como um contratempo, mas sim como um processo natural que nos pode conduzir a mais descobertas, a mais aprendizagens do que as inicialmente expectáveis. Thomas Alva Edison quando confrontado com o facto de ter levado a cabo quatrocentas tentativas fracassadas de produzir uma lâmpada elétrica afirmou não ter fracassado, uma vez que houvera descoberto quatrocentas tentativas de como não fazer uma lâmpada. Teria sido improvável que tivesse conseguido o seu intento, sem esse espírito de “errar” vezes sem conta e persistir sem desistir, contornando todas as pedras que pelo caminho encontrou.

DiPerna, J. C. (2006). Academic enablers and student achievement: Implications for assessment and intervention services in the schools. *Psychology in the Schools*, 43(1), 7-17.

Raimundo, R., Carapito, Pereira, A. I., E., Marques-Pinto, A., Lima, L., & Ribeiro, T. (in press). School Social Behavior Scales: Na adaptation study of the Portuguese version of the Social Competence scale from SSBS-2. *Spanish Journal of Psychology*.

Rosário, P. 2002(). (Des)venturas do testas. Porto Editora.

Silva, A. L., & Sá, I. (1997). Saber estudar e estudar para saber. 2ª edição. Porto Editora.



educar para a ciência

Questões chave no ensino das Ciências: entrevista com a professora e investigadora Ana Mourão

Ana Mourão é Doutorada em Física pelo Departamento de Física pela Universidade Estatal de Moscovo – Lomonossov, Rússia. Professora associada do Departamento de Física do IST. Investigadora e membro fundador do CENTRA – Centro Multidisciplinar de Astrofísica. Responsável do Grupo de Astrofísica Observacional do CENTRA. Responsável pelo DEMO – Laboratório de Demonstrações, um laboratório em aulas teóricas de Física no IST.

Coordena o MEFT – Mestrado em Engenharia Física Tecnológica do IST. Desenvolve actividade científica na área da astrofísica observacional, estuda supernovas para tentar compreender a expansão acelerada do Universo. Em 2009 (Ano Internacional de Astronomia), recebeu da Organização do Ano Internacional de Astronomia um prémio internacional por acções de divulgação da Astronomia no extremo ocidental da Europa (Açores).



Quais são para si as principais “questões-chave” na educação atualmente?

Uma questão chave é assegurar os recursos humanos e materiais para uma educação que permita formar cidadãos livres, activos e preparados para o futuro. Outra questão chave é assegurar que os objectivos da educação estão bem definidos e inter-ligados com os diferentes níveis de ensino, são realistas e motivadores para professores e alunos.

O que é ensinar Ciência?

Ensinar Ciência é criar as condições para que os alunos aprendam o método científico e os conceitos científicos. Ensinar Ciência é ensinar a analisar, a questionar, a entender o mundo que nos rodeia, se necessário saindo das salas de aula. Por exemplo, podemos optar por ter os alunos sentados nas cadeiras, forçados a decorar os vários tipos de raízes pelas imagens dos livros. Mas podemos sair da sala de aula e procurar, no canteiro mais próximo, as mesmas raízes. Sujam as mãos na terra, vêem várias ervas daninhas, várias folhas, várias raízes, várias flores e sementes. Secam as raízes, classificam-nas, colam no caderno e escrevem os nomes ...

É também importante entusiasmar os alunos para o conhecimento científico através de perguntas e respostas a pequenas coisas ou fenómenos que observamos no dia a dia. Por que é que o céu é azul? Por que brilha o sol? Por que é que a Lua não cai? O que é a chuva? Por que é que conseguimos falar quando queremos? Por que ferve a água?

É no deixar fluir de perguntas e respostas que deve começar o entusiasmo pelas ciências. E já no básico, ou mesmo na infantil. Num contra-corrente ao “não mexe que estraga”. Manter e incentivar o entusiasmo é abrir caminho para uma boa aceitação da Ciência.

Qual a importância da ciência na preparação dos jovens para o futuro?

A ciência é a base de compreensão do mundo. Ter conhecimentos científicos é fundamental para podermos viver com dignidade e com qualidade, nesta era cada vez mais tecnológica. Aprender “ciência” é aprender a fazer, aprender a repetir, aprender a errar, aprender a analisar, aprender a concluir, aprender a seguir em frente ou a mudar de trajecto. É uma postura de vida, que será certamente útil em muitas situações.

A aprendizagem das ciências é melhor quando fazem “experiências”?

Uma componente importante do ensino de uma ciência experimental é o método experimental. E isso só se aprende experimentando. Mas uma experiência deve ser mais que a leitura e execução de uma receita. Na realização de uma experiência deve ser dado destaque ao objectivo, à importância das medições, dos erros, das conclusões, do debate e... à próxima dúvida. Note-se que os alunos podem fazer experiências e não aprender ciência, se a abordagem à experiência e o método estiverem errados. É muito importante que haja laboratórios nas escolas, mas é também muito importante a preparação e o entusiasmo dos professores para darem vida aos laboratórios. E as escolas deveriam tentar explorar todas as condições possíveis para a realização de trabalhos experimentais.

Qual é o valor do ensino experimental?

O ensino experimental permite uma aprendizagem muito sólida. Resumidamente diria que há uma ligação muito forte da mão ao cérebro. A transcrição da quantidade total de informação transmitida ao cérebro quando se faz uma experiência, por simples que seja, exigiria muitas páginas e, mesmo assim, a descrição ficaria por certo incompleta.

O ensino experimental permite aos alunos analisar e perceber vários fenómenos que se verificam na Natureza. O que é importante para aprenderem a desafiar, com responsabilidade, a própria Natureza.

Por isso, parece-me extremamente importante a iniciativa de pedir aos alunos do Colégio que façam experiências e as expliquem aos colegas. Exploram um conceito, aprendem a fazer e aprendem a explicar.

Enquanto docente universitária recebe muitas vezes alunos que concluíram o seu percurso no ensino secundário. Considera que os currículos do ensino básico e secundário oferecem oportunidades suficientes para o ensino das ciências/ciências experimentais?

Há cerca de 4 anos estudei com algum cuidado os vários currículos relativos ao ensino da Física. Foi na sequência de um pedido da Direcção da Sociedade Portuguesa de Astronomia. Efectivamente considero que, analisados isoladamente, os currículos do básico e secundário oferecem oportunidades para o ensino experimental das ciências. Os programas apresentam análises exaustivas do papel das ciências no ensino básico e no ensino secundário, “advoga-se o ensino da Ciência como fundamental”, referem-se “as competências específicas para a literacia científica dos alunos”. São indicadas experiências a realizar em aulas, sugerem-se abordagens dos diferentes temas. Está afinal tudo mais-que-perfeito? Os péssimos resultados, por exemplo em Física, indicam o contrário. Naturalmente que podemos encontrar sugestões para alterar os programas. Mas receio que seja insuficiente.

Tenho visitado escolas no Continente e nos Açores. Os professores referem, por exemplo, a falta de apoios e de preparação quando há alterações de programas, dificuldades em aceder a acções de formação. Estes são alguns dos fatores que dificultam a dedicação ao ensino, nomeadamente do experimental. Mas é uma agradável surpresa verificar que, apesar dos problemas, há alunos que chegam ao ensino superior e que já realizaram muito trabalho experimental. Nos seus passados houve sempre uma escola, um professor. Sim, era um professor muito bom. Sabia muito. “famos para o laboratório depois das aulas, a Escola deixava. Fazíamos projetos”. Alguns ganharam prémios. Vêm de vários pontos do país. Isto leva-me a confirmar o previsível: muito depende da preparação e vontade dos professores em aproveitar as oportunidades. Naturalmente também das direcções das Escolas.

Suponho que, neste momento, é fundamental investir seriamente na formação, investir em cursos de reciclagem de professores, com componente científica. É impossível ensinar o que não se sabe. Não há pedagogia que consiga disfarçar a falta de conhecimento científico, por muito que se tente.

Para além de professora no Instituto Superior Técnico faz investigação em Astrofísica participando em vários projetos a nível nacional e internacional.

O mais recente prémio Nobel da física relaciona-se com a sua área de estudo. Que impacto pode trazer este trabalho para o cidadão comum e, em particular, para os estudantes do ensino básico e secundário?

É verdade. Tive o privilégio e o prazer de trabalhar com a equipa do Supernova Cosmology Project e nomeadamente com o seu líder, o Prof. Saul Perlmutter. O Prof Saul Perlmutter, da Universidade de Berkeley, foi um dos três cientistas galardoados com o Prémio Nobel da Física pela descoberta da expansão acelerada do Universo em 1998. Ultimamente temos trabalhado na Supernova Legacy Survey, uma colaboração que, durante 5 anos, usou o telescópio CFHT, no Havai, para descobrir supernovas e tentar perceber a aceleração do Universo.

Esta descoberta é um marco para a nossa compreensão do Universo. O cidadão comum, e certamente os alunos dos ensinos básico e secundário, já muitas vezes se interrogaram sobre o que é o Universo. Qual a origem do Universo? Qual o destino do Universo? Já terão ouvido falar do modelo do Big Bang e de que o Universo teve origem há cerca de 15 mil milhões de anos. Sabem também que o Universo se está a expandir. Até 1998 pensava-se que a expansão do Universo seria desacelerada e que o universo poderia mesmo colapsar devido á gravitação. Porém, em 1998, dois grupos de cientistas, o Supernova Cosmology Project e o High-z supernova team mediram a quantidade de luz recebida de várias supernovas que explodiram há milhares de milhões de anos. Ambas as equipas concluíram que as supernovas são menos brilhantes do que se esperava. Isso significa que estão mais afastadas do que se supunha, sendo a explicação mais provável a de que expansão do Universo deve ser acelerada. Ou seja, a grandes escalas, há uma forma de energia, a chamada energia escura, que compensa a força atrativa da gravitação e que faz o Universo expandir de uma forma acelerada. Que energia é essa? Não se sabe! Como muitas vezes acontece, uma descoberta traz mais dúvidas. Desconhecemos completamente o que é a energia escura, portanto desconhecemos cerca de 75% do Universo. Desconhecemos ainda a natureza da matéria escura que se detecta, por exemplo, nas galáxias e que constitui cerca de 20% da matéria do Universo. Isto significa que chegámos ao sec XXI e conhecemos apenas cerca de 5% do Universo, correspondente à matéria de que somos feitos. Para um cientista é um enorme incentivo a novas descobertas.

Qual o conselho que dá a um jovem que sonha em seguir uma carreira ligada à ciência?

Poder seguir uma carreira ligada à Ciência é um enorme privilégio, um enorme desafio e uma enorme responsabilidade. Irá desafiar o desconhecido. E irá sobretudo desafiar-se a si mesmo.

O maior conselho é que trabalhe muito, que aprenda com as dificuldades, que arrisque, seja teimoso e que tenha a coragem de ser diferente e de pensar diferente. E que escreva, a letras bem grandes, junto de tudo, a pergunta mais importante: “PORQUÊ?”

educar para a ciência, o ambiente e a sociedade

Evolução da biodiversidade existente na ilha da Berlenga, o caso do Airo (*Uria aalge*) e da Gaivota de patas-amarelas (*Larus michahellis*)



A Reserva Natural da Berlenga foi criada em 1981. Com uma área de 1063 ha, situa-se NW de Peniche, caracteriza-se por possuir espécies de grande interesse botânico e zoológico, constituindo local de nidificação de aves marinhas. Desde há uns anos que está seriamente ameaçada. Entre as principais causas apontadas para esta situação, merecem destaque: a pressão exercida por milhares de Gaivotas e as alterações climáticas. Dados publicados em 1952 identificaram 6.000 casais de Airos nas Berlengas. Em 2009, apenas quatro Airos escolheram para ninho uma escarpa abrigada da insolação e são vistos rodeados por largas dezenas de gaivotas, espécie que, nesta ilha, adquiriu o estatuto de praga. A justificar este estatuto, os dados que provam que em 20 anos os casais que ali se reproduziam passaram de cerca de 1.300 (1974), para cerca de 22.300 (1994). Entre as causas para este desequilíbrio destaca-se a disponibilidade (quase) ilimitada de alimentos, que a partir da década de 70 do século XX se encontravam a céu aberto, sobretudo em lixeiras existentes no continente, na região de Peniche, geograficamente muito próxima do arquipélago das Berlenga. Esta proximidade, e a ausência de predadores levou a que as Gaivotas encontrassem na Berlenga um local ideal para se reproduzirem.

As plantas da Berlenga também não estão livres de ameaça. Com muitas gaivotas na ilha começaram a surgir alterações na composição do solo, devido aos seus excrementos. Isto favorece o desenvolvimento de plantas invasoras adaptadas a solos ricos em excrementos de aves. Se nada for feito o excesso de azoto pode levar à morte de toda a vegetação, contribuindo para o desaparecimento de todas as espécies animais que dependem das plantas. De referir que este processo de nitrificação do solo também condiciona as comunidades vegetais favorecendo o desenvolvimento das plantas guanófilas (que "gostam" de excrementos de aves) facto que constitui também um elemento de modificação do ecossistema, e de perda de biodiversidade local. Associado a este processo, a ação das chuvas e ventos acaba por retirar o pouco solo ali existente levando a que, por fim, apenas fique a colónia de gaivotas sobre a ilha de granito nu.

Para salvaguardar a biodiversidade, o ICNB teve de controlar a população das gaivotas desde 1994. Para Maria de Lurdes Morais, técnica da Reserva Natural da Berlenga, existem várias medidas tomadas para aumentar as populações do Airo, designadamente: gerir e fiscalizar o tráfego marítimo ao longo da costa de modo a evitar a lavagem de tanques por embarcações em trânsito e contaminação indevida; proibir a utilização de redes de emalhar durante a época de nidificação; controlar os predadores nos locais de nidificação do Airo; identificar áreas marinhas importantes para a manutenção da espécie.

As Berlengas são (ainda) uma das joias do nosso património natural. Até quando?...

Agradecimentos:

Este trabalho não teria sido possível sem o contributo da **Dra Maria de Lurdes Morais**, da Reserva Natural da Berlenga por toda a disponibilidade e informações dispensadas.

Jovens Repórteres para o Ambiente (JRA): **Beatriz Costeira 12º1**, **Carolina Fonseca 9ºB**, **Maria Gonçalves 11º1**, **Mariana Martinho 11º1**, **Margarida Delgado 11º1**.

Trabalho distinguido com o 1º prémio no concurso nacional JRA (melhor artigo em português)

educar para a ciência e a criatividade

Viagem ao Centro da Terra



Os cientistas têm tentado, ao longo dos tempos, construir modelos científicos para explicar a estrutura interna da Terra. Contudo nunca nenhum deles conseguiu ter a certeza de como é a estrutura interna do nosso planeta. Júlio Verne, autor do livro *Viagem ao Centro da Terra*, sugeriu que seria possível fazer uma viagem ao interior da Terra. Então, eu e a minha equipa, constituída por três geólogos e um vulcanólogo, decidimos tentar tornar realidade o que o escritor imaginava ser possível.

Para podermos realizar esta viagem, tínhamos de construir um meio de transporte que nos levasse ao interior da Terra. O nosso maior desafio era construir algo resistente às elevadas temperaturas e pressões e que conseguisse perfurar as várias camadas. Construímos então uma espécie de nave revestida por uma liga de vários materiais muito resistentes ao calor e à pressão, com uma grande broca incorporada.

Decidimos tentar entrar pela cratera de um vulcão e ir perfurando as camadas constituintes da Terra até atingirmos o centro.

Contatámos o Instituto das Geociências e informámo-los do que pretendíamos fazer. Para nossa surpresa, apoiaram-nos, forneceram-nos o material necessário e asseguraram-nos que manteriam o contato com a nave através de um transmissor, até onde for possível. Estamos com muito receio, pois todos sabemos que há uma grande possibilidade de não regressarmos vivos. Porém, isso não nos impede de prosseguir.

Quando concluímos a nave e todo o nosso material estava pronto, dirigimo-nos ao Monte Vesúvio, em Itália, vulcão pelo qual iríamos entrar. Colocámos a nave na cratera do vulcão, ligámos os motores e entrámos.

26 de setembro de 2011 Partida: Entrámos pela cratera do Vesúvio e estamos a descer pela chaminé do vulcão. Atingimos a câmara magmática do vulcão e vamos iniciar a perfuração da litosfera.

28 de setembro de 2011 Aos 120 km de profundidade, já na astenosfera, existem alguns materiais sólidos e outros em fusão, quase líquidos. Recolhemos algumas amostras dos materiais sólidos e dos materiais em fusão. A nave está a deslocar-se mais lentamente.

30 de setembro de 2011 Aos 670 km de profundidade, atingimos a mesosfera, onde se encontram materiais muito rígidos, que necessitamos de perfurar para avançar.

4 de outubro de 2011 Há cinco dias que tentamos perfurar a mesosfera. Estamos desesperados.

7 de outubro de 2011 Finalmente conseguimos perfurar a mesosfera. Aos 2883 km, encontramos-nos no núcleo externo, que é constituído por material no estado líquido do qual recolhemos amostras. O transmissor deixou de funcionar e perdemos a ligação com Terra. Estamos com graves problemas técnicos, a nave está a ser destruída pelas elevadas temperaturas e os motores estão a deixar de funcionar normalmente devido à pressão. Não sei quanto tempo mais a nave se irá aguentar.

9 de outubro de 2011 A nave está a abanar violentamente e a deslocar-se mais depressa. Não sabemos o que fazer e estamos a perder o controlo. De repente, atingimos uma superfície rochosa. Continuamos a sentir a nave a abanar, mas não se move.

10 de outubro de 2011 Estamos a 5200 km de profundidade. Chegámos à conclusão que estamos numa espécie de gruta que pensamos ser o núcleo interno. Recolhemos amostras e ao analisá-las, descobrimos que é constituído por vários minerais, como ferro e níquel.

O solo está a tremer e não sabemos o que fazer. A nave está quase completamente destruída.

12 de outubro de 2011 Não sei como, mas estamos em Terra, são e salvos. Perguntámos aos habitantes deste lugar e eles informaram-nos que nos encontramos no Havai, em Mauna Loa. Pensamos que fomos expelidos pelo vulcão local.

É incrível termos conseguido viajar até ao centro da Terra e regressar vivos! Não sabemos como, mas viemos parar ao outro lado do mundo!

Esta viagem ao centro da Terra irá mudar para sempre a história da Ciência e da Geologia e será uma experiência que nunca esqueceremos.

Maria Carolina Osório Gonçalves, 8º C

A escrita, as ciências e a criatividade. Trabalho realizado para disciplina de Ciências Naturais

educar para as alterações climáticas

Pegada Carbónica do Colégio Valsassina

João Gomes. Coordenador do projeto “A caminho de uma Low Carbon School | 2012”



Num mundo em que as Alterações Climáticas constituem um dos maiores desafios para a sustentabilidade do planeta, é obrigação de toda a sociedade conhecer o seu impacto no clima bem como agir de forma a caminhar para um futuro menos intensivo em carbono. Esta é também uma questão chave da educação. Como tal, o Colégio Valsassina está empenhado em tornar-se numa Low Carbon School. A construção desta identidade passa pela adoção de práticas climaticamente responsáveis que integram princípios éticos e a vanguarda do conhecimento científico em matéria de redução de emissões de gases com efeito de estufa.

Pelo caminho, ao envolver toda a comunidade escolar no combate às Alterações Climáticas, o Colégio Valsassina acredita que a sua política educativa sustentável pode contribuir para a excelência da educação ambiental da futura geração de engenheiros, arquitetos, cientistas, gestores, políticos e cidadãos para que eles próprios sejam líderes capazes de desenvolver soluções eficazes para enfrentar um Clima em Mudança.

Através do projeto “A caminho de uma Low Carbon School” o Colégio Valsassina está a ter uma atuação pioneira face à temática das Alterações Climáticas: internamente, pela gestão do carbono e comunicação/sensibilização específica com alunos e pais, e externamente, pela comunicação sobre as boas práticas desenvolvidas.

Continuamos empenhados na nossa meta de redução da pegada carbónica do Colégio Valsassina em 10%, até 2012, relativamente ao ano base de 2006.

Em 2010/2011 as actividades associadas ao Colégio Valsassina foram responsáveis pela emissão de 344 tCO₂e tendo o Colégio investido em medidas de mitigação referentes a 53 tCO₂e:

- 24 tCO₂e relativamente às emissões (inevitáveis) associadas às deslocações das visitas de estudo, sendo que 12 tCO₂e são relativas às viagens com alojamento, e as restantes 12 tCO₂e relativas a viagens sem alojamento. Estas emissões foram neutralizadas recorrendo ao carbonfree da Ecoprogresso. Para isso foram adquiridos créditos de carbono verificados (VER's Gold Standard) provenientes de um projecto de produção de energia renovável (eólica) para substituir uma rede eléctrica muito dependente de combustíveis fósseis na Turquia.
- 29 tCO₂e relativas ao projeto de reflorestação do Parque Natural Sintra Cascais, ao abrigo da parceria, e validados, pela Cascais Natura.

Considerando este investimento, **a pegada de carbono de 291 tCO₂e representa uma redução de 44%.**

No ano lectivo passado cada utente da escola (aluno, professor, funcionário ou colaboradores) foi responsável pela emissão de cerca de 197 kg de CO₂e.

Ao promover a sustentabilidade de forma a travar as alterações climáticas, procura-se não apenas benefícios para o ambiente, mas também a nível económico e social.

Continuamos a trabalhar para nos assumirmos como uma Low Carbon School | 2012.

educar para a cidadania e sustentabilidade



OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO:

1. ERRADICAR A POBREZA EXTREMA E A FOME
2. ALCANÇAR O ENSINO PRIMÁRIO UNIVERSAL
3. PROMOVER A IGUALDADE DE GÊNERO E A AUTONOMIZAÇÃO DA MULHER
4. REDUZIR A MORTALIDADE DE CRIANÇAS
5. MELHORAR A SAÚDE MATERNA
6. COMBATER O VIH/SIDA, A MALÁRIA E OUTRAS DOENÇAS
7. GARANTIR A SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL
8. CRIAR UMA PARCERIA GLOBAL PARA O DESENVOLVIMENTO

Make it possible!

Camila Boneli Projeto "Make it Possible". AIESEC da Universidade Católica de Lisboa

O Make it Possible é um projeto que visa promover os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) criados e aprovados no Millennium Summit, conferência realizada em 2001 e na qual estavam presentes os países membros das Nações Unidas.

Os ODM foram criados para atender às necessidades dos países mais pobres e é através de projetos como o **Make it Possible** que esses objetivos são promovidos levando à uma conscientização das massas envolvidas no projeto.

O **Make it Possible** conta com a participação de ONG's, empresas e alunos de escolas do ensino secundário, e estes participarão no projeto como embaixadores dos ODM.

Como vai funcionar?

Os jovens em instituições de ensino básico e secundário estão numa posição única para assimilar as informações sobre os ODM. Além disso, como os futuros líderes das suas sociedades, a responsabilidade da mudança repousa pesadamente sobre eles.

Através da criação e facilitação de espaços abertos de discussão e partilha sobre os ODM, estaremos a aumentar a capacidade de iniciativa e apoio dos estudantes do ensino básico, secundário e superior portugueses.

A iniciativa **Make it Possible** conecta todos os seus participantes, em parceria com várias organizações, através de um ambiente de aprendizagem interação único.

Para tornar este projeto possível viajarão para Portugal 60 estagiários internacionais de mais de 10 nacionalidades diferentes.

Todos os voluntários receberão formação e treinos de orientação direta sobre os ODM, liderança e métodos de educação não formal.

Impacto

A Longo Prazo

O impacto indireto que se deseja alcançar através da Iniciativa **Make it Possible** está relacionado com o impacto que a AIESEC pretende causar na sociedade, ao permitir aos jovens explorar e desenvolver o seu potencial de liderança e fornecendo-lhes as ferramentas para assim causarem um impacto positivo na sociedade, tornando-a mais sustentável, sensível e com uma boa visão do futuro.

A Curto Prazo

O ambiente de aprendizagem mais dinâmico e atraente, com a componente internacional do projeto, proporcionará uma maior empatia dos alunos para com os ODM. Na sociedade, este impacto será através da educação, sensibilização e concretização de iniciativas e projetos em torno dos ODM.

educar para a cidadania e para um consumo sustentável

Às compras no Mercado de Alvalade

Ana Paula Ferreira, Mariana Marques, Tânia Gonçalves Professoras do 2º ano

No âmbito das comemorações do Dia Mundial da Alimentação, decidi o 2º ano ir ao Mercado de Alvalade comprar fruta. Confeccionar uma boa salada de fruta pareceu-nos uma ideia saudável e divertida para assinalar este dia.

Para melhor explorarmos a visita, foi elaborado um guião a ser seguido por pequenos grupos de alunos. Neste trabalho cada um dos elementos do grupo teria uma tarefa específica.

Ao longo do caminho, os alunos teriam que responder a algumas questões que visavam, por um lado, estimular a atenção ao percurso, por outro, ficarem a conhecer melhor o meio local onde o Colégio está inserido.



Desafios

1. A caminho do Mercado passámos por vários meios de transporte. Assinalem com um X os que víram:

- Autocarros
- Camiões
- Carros
- Comboios
- Bicicletas
- Outros: motas

2. A caminho do mercado passámos por alguma igreja. Se sim, descubram o nome dessa igreja.

São João de Brito

3. Passámos por quantas passeadeiras até chegar ao mercado? Para que servem?

Passamos por 20 passadeiras

Informações

1. O nosso grupo tem 10 pessoas, somos o grupo 10.

2. As nossas tarefas:

Tarefa	Nomes
Presidente	<u>Carolina</u>
Tesoureiro	<u>Francisco G.</u>
Responsável pelo guião	<u>Maria / Leonardo</u>
Responsável por escrever no guião	<u>João A.</u>
Responsável por falar na banca	<u>Filipe A.</u>

3. O nosso tesoureiro leva 2 €.

4. Hoje é 6ª - gira o céu está limpo e estão 31° (graus) C.

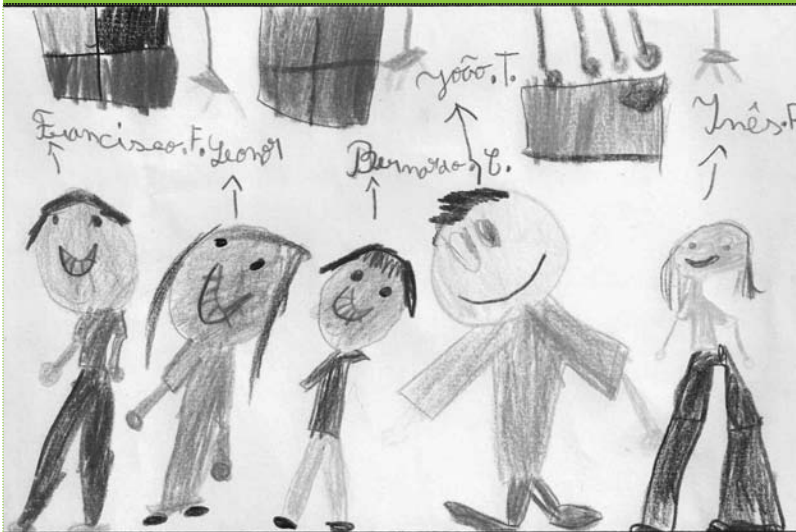
5. Saímos do colégio às 10 h 00 m.



Chegados ao mercado, os alunos informaram-se acerca do seu horário de funcionamento e da rua onde se situava. Fizeram uma volta de reconhecimento das várias bancadas com o objetivo de comparar os preços das frutas, para poderem optar pelas que ofereciam melhor relação preço/qualidade e selecionar os vendedores que passavam a respetiva fatura. Efetuada a compra, registaram o que compraram e o que gastaram.

Tiveram ainda a oportunidade de ir a pé até à igreja S. João de Brito, cumprindo as regras para peões e observando a igreja.

No Colégio, deu-se um momento de convívio onde se misturaram os vários ingredientes da salada e a saborearam, com o gosto único do trabalho misturado com a diversão e o cheirinho dos amigos por perto!



Gostei muito da visita porque trabalhamos em conjunto.

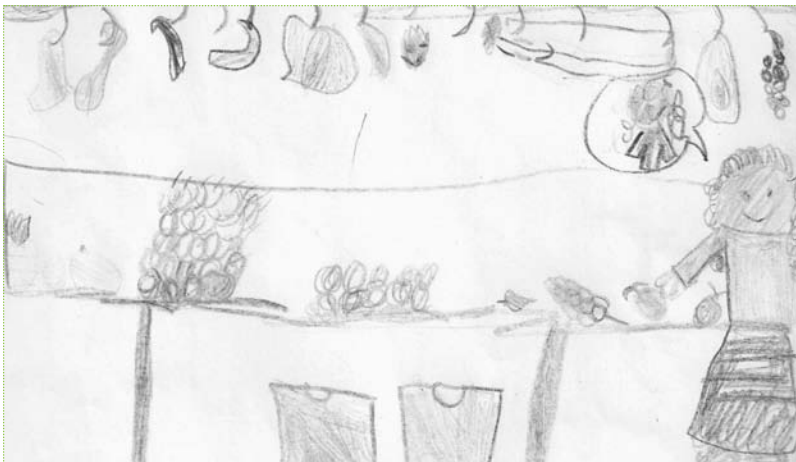
Joana F.

Aprendi a pagar as compras.

Filipe M.

Nós aprendemos a dividir, a pagar e a comprar fruta. **Nazir**
Eu aprendi que não há só fruta nas lojas, também há no mercado. **Leonor**

Aprendemos que o chuchu é um fruto, os tomates cereja são pequenos e as abóboras não são todas iguais. **Frederica, Beatriz, Glória, Manuel e Francisco M.**



Eu achei interessante porque nunca tinha ido a um mercado. **Carlota**

Aprendemos uma palavra nova que é “tesoureiro”. **Rafe**

Aprendemos que as frutas são de várias qualidades. **Maria, Miguel, Theresa, António, Margarida e Laura**

Aprendi que a fruta faz bem à saúde. **Catarina**

Eu aprendi que o bacalhau está cheio de sal.

Dinis, Frederico, Maria F. e Maria G.



educar para os media *Workshop* “Faz a tua primeira página”

Criado em especial para os jovens a partir dos 10 anos, o Media Lab é um espaço de interação e criatividade, onde se desenvolvem programas e atividades de Educação para os Media, orientadas para a compreensão e participação ativa no espaço global da informação.

Os alunos assumem-se como jornalistas e editores vivendo a experiência de criar a 1ª página de um jornal. Seleccionam e escrevem as notícias, escrevem os títulos, escolhem as imagens e suas legendas e ainda discutem os critérios relativos à edição da sua 1ª página final.

No passado dia 13 de outubro, a turma C do 8º ano, no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa, realizou uma visita de estudo ao Diário de Notícias. Esta visita tinha como objetivo principal a sistematização dos conteúdos programáticos relacionados com o estudo dos géneros jornalísticos.

A primeira parte da visita consistiu no visionamento de um filme sobre a história do Diário de Notícias. Depois ouvimos as explicações sobre as várias fases de elaboração de um jornal, as características e a estrutura de uma notícia. Por último, fizemos, em trabalho de pares, a primeira página do jornal, a partir de dezenas de notícias e imagens que tínhamos ao nosso dispor. Foi o momento mais interessante da visita, pois lemos imensas notícias nacionais e internacionais, e vimos uma quantidade de imagens que tornava difícil a nossa seleção. No final trouxemos connosco a nossa preciosa manchete que foi posteriormente avaliada pela nossa professora.

Achámos esta atividade muito interessante, pois tivemos a oportunidade de contactar com todas as notícias do dia, quer a nível nacional, quer internacional e apercebemo-nos de como nem sempre é fácil fazer um jornal diário.

Há ainda a registar o facto de termos aparecido no jornal do dia seguinte, fato que nos deixou muito vaidosos.

Carolina Botica Gonçalves; Filipa Batista; Maria Inês Graça. 8º C. Trabalho realizado na disciplina de Língua Portuguesa sob a coordenação da professora Teresa Saruga.

**Trabalho realizado pelas alunas
Maria João Sancho e Júlia Estaca.**



**Trabalho realizado pelas alunas Carolina Botica Gonçalves,
Filipa Batista e Inês Graça.**

educar para os valores e solidariedade

Uma ajuda à União Zoófila

A turma do 6º ano deu início ao projeto que pretende recolher, ao longo do ano letivo, mantimentos para ajudar a União Zoófila de Lisboa. No início do ano letivo, os alunos do 6º ano desenvolveram atividades de sensibilização para as necessidades urgentes da União Zoófila. Neste sentido, foram recolhendo doativos (comida, medicamentos, mantas, brinquedos, camas...) que foram entregues à instituição no passado dia 4 de novembro. A recolha decorrerá até ao final do ano letivo e os doativos serão recebidos pelos alunos do 6º ano na sala 31.

Turma C do 6º ano. Sob a coordenação da Professora Paula Gonçalves.



Campanha de apoio à casa de S. Miguel

“... para que serve a escola, se não conseguirmos tornar o mundo um pouco melhor?”

A Casa de S. Miguel é uma instituição que tem ao seu cuidado catorze crianças dos 0 aos 12 anos. E quando dizemos 0 anos, falamos de crianças com poucos dias ou meses de vida. O Estado decidiu que os pais destas crianças não tinham condições para as educar, por serem toxicod dependentes, alcoólicos, por estarem a cumprir uma pena de prisão, entre algumas outras razões e enviou-as para a Casa de S. Miguel.

Esta Casa conta apenas com uma instituição para os apoiar financeiramente. Contudo, cuidar das catorze crianças está a relevar-se um custo que não conseguem suportar. Estão às portas da falência. Vão, inclusive, mudar a sua sede para um local menos dispendioso. O problema é assegurar esse local e a existência da organização para que estas crianças continuem a ter algo a que podem chamar “casa”.

Não podemos ser indiferentes. Como tal, foi dinamizada, pela turma 1A do 11º ano, uma campanha que pretendeu a recolha de produtos alimentares (papas e leite para crianças). No fundo, para que serve a escola, se não conseguirmos tornar o mundo um pouco melhor?

Catarina Graça e Joana Luís 11º1A

**educar para
o desenvolvimento
pessoal e social**

Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção (PHDA) Os “bichinhos carpinteiros” em ação!

Joana Carmo e Marina Coutinho Gabinete Psicopedagógico

**“A Escola, sendo
o contexto em
que a criança ocupa
grande parte
do seu tempo,
acaba por estar
presente no meio
familiar, através
da realização das
tarefas escolares,
atividade crucial
para a consolidação
e progresso
da aprendizagem.”**

“... Imagine uma criança a circular livremente pelas diferentes situações do seu dia, sem qualquer autorregulação, sem obedecer a regras ou limites, avançando à sua mercê em correria, sem noção das consequências da sua energia excessiva, em total descontrolo...uma criança que não para ou cumpre ins-truções, mesmo que os seus pais lhe imponham que o faça, ainda que para isso usem a disciplina mais rígida...! Na verdade, mesmo que este exercício de imaginação seja para alguns pais difícil, para outros, será uma constante realidade.”

(Costa, P. *et al.*, 2010, *in* Juntos no Desafio).

A PHDA é uma das perturbações da infância mais frequentemente diagnosticadas, afetando 3-7% das crianças em idade escolar e persistindo durante a adolescência em cerca de 50-80% dos casos. Habitualmente estas crianças são dotadas de um potencial cognitivo adequado, existindo maior predominância no sexo masculino. Com efeito, embora possam melhorar com a maturação neurológica, os défices (ao nível das funções executivas, memória de trabalho/curto prazo e velocidade de processamento da informação) são evidentes e persistentes desde a primeira infância, quando comparados com a norma para a sua faixa etária. Refra-se, no entanto, que os problemas de défice de atenção aparecem geralmente quando as exigências académicas aumentam, sobretudo com a entrada nos primeiros anos de escolaridade.

Este distúrbio é assim caracterizado por um padrão perseverante de comportamentos disfuncionais, que refletem a desatenção e o défice de inibição comportamental (impulsividade e hiperactividade/ excesso de atividade motora). A sintomatologia interfere, pelo menos, com o funcionamento da criança em dois contextos diferentes (ex. casa-escola) e surge frequentemente associada a comportamentos de oposição e dificuldades de aprendizagem.

A coexistência e preponderância dos diversos sintomas, permitem diferenciar três subtipos de PHDA: PHDA predominantemente Hiperativo/Impulsivo; PHDA predominantemente Desatento; PHDA Combinado (associação de sintomas dos subtipos acima mencionados).

As características referentes a cada criança variam dependendo da idade e da fase de desenvolvimento, podendo manifestar: atividade física excessiva, dificuldade em estar sossegada e atenta, dificuldade em cumprir regras/rotinas, tendência a agir sem pensar, labilidade emocional, baixa autoestima, baixa tolerância à frustração, dificuldade em terminar as tarefas que iniciou, entre outras. Todos estes aspetos exercem, por vezes, um impacto negativo nas relações com pares e adultos, tendo como possível consequência para as figuras de autoridade (pais, professores...) a dificuldade em controlar os problemas comportamentais, perceção de baixa autoeficácia parental e estraté-

gias inadequadas para lidar com os desafios inerentes a uma criança com esta problemática, que conduzem a um aumento dos níveis de stress e conflitos interpessoais.

Sendo a PHDA uma perturbação com impacto tão significativo nos diversos elementos que fazem parte da vida da criança, torna-se indubitável a necessidade de uma intervenção sistémica e pluridisciplinar, a qual pode abranger: acompanhamento médico, psicológico, pedagógico, aconselhamento parental e terapia farmacológica. A aplicação conjunta de diversas formas de apoio/acompanhamento visam o controlo e redução da sintomatologia, assim como promover nos adultos as competências necessárias para a gestão de situações e stress, de forma a tornar os principais contextos do quotidiano da criança mais previsíveis e consistentes (regras e limites bem definidos).

Os pais pela importância que desempenham na vida da criança e no seu processo de desenvolvimento, são os elementos mais implicados na vivência e intervenção, pelo que necessitam de orientações, como as a seguir apresentadas, no sentido de compreenderem e saberem lidar com esta perturbação:

- Adotar um estilo parental orientador e afetuoso, em que a criança se sinta aceite e apoiada, previligando a comunicação simples, objetiva, com limites e regras bem definidas;
- Proporcionar estrutura, organização e constância (manter rotinas, estimular a organização dos espaços e tarefas pessoais);
- Promover cerca de 10 horas de sono, previligando atividades relaxantes em detrimento de outras, como ver televisão e jogar computador/consolas;
- Verificar se a criança compreende o que lhe é transmitido, procurando enfatizar o que deve fazer e como o pode executar (foco na comunicação positiva e não negativa);
- Intervir de forma articulada (pai, mãe, escola), aplicando de modo assertivo as mesmas estratégias e estabelecendo uma comunicação sistemática (casa-escola), evitando informações contraditórias ou ambivalentes;
- Preveligiar o elogio e reforço do esforço /comportamento positivo da criança, uma vez que tende a desmotivar facilmente;
- Atribuir responsabilidades à criança, fomentando a sua autonomia, de forma a que esta se sinta valorizada e competente;
- Começar por introduzir tarefas simples e aumentar gradualmente a sua complexidade;
- Selecionar os comportamentos inadequados, com maior impacto na vida da criança e de quem a rodeia, ignorando os restantes comportamentos (até que os inicialmente escolhidos se modifiquem), de forma a que a criança não se

sinta sistematicamente punida ou incompreendida.

A Escola, sendo o contexto em que a criança ocupa grande parte do seu tempo, acaba por estar presente no meio familiar, através da realização das tarefas escolares, atividade crucial para a consolidação e progresso da aprendizagem. Assim sendo, os pais devem orientar a criança na estruturação das atividades e gestão do seu tempo, dividindo as tarefas de maior complexidade em subtarefas, com períodos de execução e intervalos pré-definidos. Sendo a atenção/concentração uma das funções mais comprometidas na PHDA, torna-se fulcral que o local de estudo da criança não constitua um obstáculo ao seu foco na tarefa, devendo para isso estar limpo e organizado, sem elementos distractores e com condições adequadas de luz, som e temperatura.

A PHDA tão comumente abordada pela sociedade atual, continua a constituir, sem dúvida, um enorme desafio para pais e educadores, o qual só poderá ser simplificado através de um esforço conjunto e tendo em conta as idiosincrasias da criança.

“O tempo que gastaste com a tua rosa é que a fez ser tão importante.”

Antoine de Saint-Exupéry (O Príncipezinho)



educar para a saúde e qualidade de vida

O Karaté e a formação

José Pacheco Instrutor de Karaté

Cada vez mais se reflete sobre o papel do Karate infantil na socialização da criança.

São vários os contributos na educação psicossocio-motora dos jovens que resultam da prática desta modalidade.

Como qualquer atividade cultural, pelo Karate podem vincular-se determinadas normas, valores e símbolos que influenciarão a maneira de pensar, sentir e agir dos seus protagonistas.

Neste contexto destacamos o jogo, que é uma atividade vital da educação infantil condicionando o desenvolvimento harmonioso, do corpo, da inteligência e da afetividade. O comportamento lúdico, presente em todas as culturas, constitui um verdadeiro espelho social com as suas tradições e regras. Falar de jogo infantil é falar de atividades que encerram gratuidade, alegria, exercício e novidade. Jogo é ao mesmo tempo, uma exploração gratuita e vinculadora de alegria. O jogo é a busca do prazer.

Acima de tudo o prazer lúdico é a componente predominante nos exercícios de Karaté acompanhado da implementação dos valores de respeito pelo outro. O jogo é uma atividade importante no desenvolvimento infantil e se os jogos de luta e de combate devem ser utilizados nessas idades, respeitando criteriosamente o seu desenvolvimento, como verdadeiros auxiliares seus potenciadores, há que evidenciar a vertente lúdica na utilização dos Desportos de Combate como vínculos de educação.

O Karate infantil deve ser encarado numa perspetiva instrumental de desenvolvimento global da criança. Para isso tem-se em conta o seu desenvolvimento e procura-se promovê-lo incidindo em pontos importantes. Deve ser encarado como uma atividade lúdica por excelência, ou seja como um verdadeiro jogo cujo projeto é o prazer lúdico dado pela vitória entendida como atividade bem sucedida na repetição e a derrota com o reconhecimento do erro como veiculo fundamental para o necessário aperfeiçoamento. Oferece uma pratica saudável e cativante intervindo eficazmente na formação através da fundamental arma de que dispõe - a disciplina - permitindo o cultivo dos principios enunciados nas cinco máximas que representam os seus objetivos e que são:

1. O aperfeiçoamento do caráter através dos treinos físico e mental;
2. O desenvolvimento do princípio da sinceridade através da prática;
3. O desenvolvimento da capacidade de esforço;
4. O aperfeiçoamento da disciplina através do cumprimento da etiqueta;
5. O aperfeiçoamento da capacidade de autocontrolo.

Os Karatecas gostam de definir um praticante de Karate-Do, não como um praticante de uma modalidade específica mas sim como alguém que tem uma forma de estar na vida seguindo a VIA (DO) do Karate.



Lições de vida...



Chamo-me Alexandra Veríssimo Choon, mas sou conhecida por todos como Xana. Tenho 17 anos, sou estudante e atleta. Estudo no Colégio Valsassina há já nove anos. Neste momento estou no 12ºano, no agrupamento de ciências socioeconómicas.

Sou uma atleta de alta competição do mundo da ginástica artística e treino no Ginásio Clube Português.

Para mim o desporto é fundamental para um desenvolvimento equilibrado. **Fazer exercício físico regular é muito importante para a saúde, ajuda a combater a obesidade e reduz o risco de doenças cardiovasculares, além de melhorar o físico também é benéfico tanto a nível psicológico como social.** O meu caso de pratica física é já bem diferente, é já uma pratica competitiva.

O meu grande objectivo é levar o meu país, Portugal, o mais longe possível, é conseguir cada vez melhores resultados a nível internacional. Para isso, tenho treinos muito exigentes e com uma carga horária elevada, treino cerca de 30 horas semanais.

Esta actividade física tem me dado lições de vida importantíssimas. Entre as quais: a chave para atingir o sucesso é o trabalho árduo, o esforço e a dedicação, já Steve Jobs dizia **“sucesso é fruto da persistência**; os erros devem ser vistos como escadas para a perfeição; viver a vida no momento presente, pois o passado já passou e o futuro não sei o que vai acontecer, tal como Eleanor Roosevelt dizia “o passado é história, o futuro é mistério e este momento é uma dádiva, por isso se chama presente”; empenhar ao máximo em tudo o que se faz; enfrentar as dificuldades, não fugir delas; lutar pelo sonho, independentemente do que os outros dizem.

Aprendi também a aproveitar cada dia ao máximo, todo o tempo disponível, pois para conseguir conciliar a minha intensa prática desportiva com o universo dos estudos tenho que gerir de forma muito correcta o meu tempo.

Estou na selecção nacional desde 2007 o que para mim é um grande privilégio. E o que também me deu a oportunidade de representar o meu país em diversas competições internacionais. As mais importantes foram os três Campeonatos da Europa: Clermont-Ferrand 2008, Birmingham 2010 e Berlim 2011; as três Taças do Mundo: Paris 2010, Glasgow 2010 e Cottbus 2011; e em dois Campeonatos do Mundo, em Roterdão em Outubro de 2010 e em Tóquio em Outubro de 2011. Quando represento Portugal sinto por um lado uma enorme responsabilidade, mas por outro sinto-me extremamente orgulhosa, e é nesses momentos que vejo o meu esforço a ser recompensado, o meu sonho a tornar-se realidade.

Em suma, **trabalho, dedicação, esforço... mas sobretudo correr atrás dos sonhos são para mim algumas das questões-chave da educação.**

Alexandra Veríssimo Choon, 12º2

educar para a qualidade e excelência

Do quadro de honra fazem parte os alunos que, no final de cada período, obtenham excelentes resultados escolares, quer no domínio curricular quer no domínio dos complementos curriculares:

1. Média de 5 nas disciplinas ou áreas disciplinares e não apresentação de nenhum nível inferior a 3 (2º e 3º ciclo)
2. Média de 17 valores (ensino secundário)
3. Assiduidade e pontualidade
4. Comportamento Bom

Quadro de Honra 3º P 2010 | 2011

5º ANO		
3710	Gonçalo Caldeira Espinha Pinheiro Castela	5º A
3788	Miguel Pinto Correia Cardoso e Cunha	5º A
3809	Manuel Maria da Ponte Salema Garção	5º A
4076	Beatriz Henriques f. Martins Bernardo	5º B
4270	Alexandra Ribeiro Verdasca	5º B
4910	Mariana Almeida Martins	5º B
3697	Beatriz Pinto Correia Cardoso e Cunha	5º C
3703	Carolina Viegas Dias Gomes	5º C
3714	Joana Santos Pereira dos Reis	5º C
3726	Marta de Oliveira M. Pugsley Inocêncio	5º C
3732	Teresa Maria Moura Coutinho Soromenho	5º C
3840	Sara de Azevedo Coelho Cardoso Martins	5º C
4291	Francisco Henriques B. Severino Alves	5º C
4287	Rita Rodrigues Vieira	5º D
4657	Catarina Simões Pinto de Miranda	5º D
4970	Afonso Morgado Mota	5º D
6º ANO		
3603	Maria Francisca Morgado Alves	6º A
4702	Beatriz da Cruz G. Rodrigues Gaspar	6º A
4777	Miguel Costa Reis cunha Neto	6º A
4844	Ana Beatriz Miguel Neto	6º A
5052	Carine Shu	6º A
3579	Joana Lima Grilo Fernandes da Silva	6º B
3580	Rita Ribeiro Luís Marques	6º B
3587	Maria Gouveia Coutinho Alegria da Cunha	6º B
3986	Mariana Franco Esguelha Simões	6º B
4100	Cláudia Teixeira Belo Marques	6º B
4696	Ana Rita Landeiro Filipe Sousa	6º B
3869	Ana Machado Luís	6º C
3941	Maria Inês Feliz Barreiros Gama	6º C
3946	Rita Teixeira Henriques de Miranda	6º C
3586	Sofia Matias Coimbra Martins	6º D
4690	Inês Alves Matias	6º D
4706	Catarina Castro Gaspar Cortesão Correia	6º D
4822	Mónica Vargas Harris	6º D
7º ANO		
3376	Mariana Venâncio Carrasco	7º A
3393	Mafalda Viegas Dias Gomes	7º A
3922	Miguel Micaelo Bengala	7º B
3747	Maria Francisca Telles Freitas Xara-Brasil	7º B
3751	Rita Lopes da Costa Marques Pinto	7º B
3875	Marta Filipa Velosa Zambujal Oliveira	7º C
3359	Duarte José Rodrigues Mendes da Silva	7º C
4672	Ulisses Miguel Ribeiro Santos Ferreira	7º C
5045	Maria Carolina Osório Gonçalves	7º D
4536	Madalena Soares Ferreira J. Carvalho	7º D
4567	Sofia Vassangi Hemrage	7º D
4586	Ana Clara do Carmo Saint-Aubyn	7º D
4629	Marta Almeida Martins	7º E
4569	Maria Soares de Almeida	7º E
4573	Maria Leonor Palminha Alves	7º E
4633	Beatriz Ribeiro da Cruz Costa Félix	7º E

8º ANO		
3195	Maria Inês Bispo David	8º A
3221	Mariana Leal Palma Fernandes D'Aguiar	8º A
3210	Ana Teresa Barata Rodrigues	8º B
3800	Inês de Valsassina Teodósio Palma Felizardo	8º B
5035	Ana Alexandra Carvalho Reis	8º B
3538	Maria Lua Almeida Pinto de Palma Carreira	8º C
4344	Inês Carola Cavaco	8º D
9º ANO		
339	Gonçalo Lopes Martins e Pereira	9º A
554	Afonso Caldeira Espinha Pinheiro Castela	9º A
3398	Diogo Filipe Pereira Fontes Fernandes Silva	9º B
3410	Carolina Madeira Fonseca	9º B
3924	Alexandra Domingos Reis Pereira	9º B
4863	Catarina de Oliveira Soares	9º B
386	Patrícia Bidarra Figueiredo Cravo do Nascimento	9º C
3808	Filipa Ribeiro Verdasca	9º C
4170	Margarida Salomé Lopes Marcelino Jordão Trigo	9º D
4173	Laura Lapa Marques da Costa	9º D
10º ANO		
3271	Maria Catarina Veloso Gago da Graça	10º 1A
3469	Diogo Miguel F. N. Pelicano Monteiro	10º 1A
4050	Catarina Carola Cavaco	10º 1A
4085	Ana Soñá Caldas Vieira Gomes Correia	10º 1A
5001	Joana Isabel Martins Barros Luís	10º 1A
3499	Filipa Veríssimo Choon	10º 2
3996	Inês Torre Estorninho	10º 4
11º ANO		
246	Madalena Ferreira S. de Oliveira e Costa	11º 1
966	Diogo Tomás Cardoso Rezio Martins	11º 1
3282	Hugo Filipe mourão Bento	11º 1
3854	Mariana Inocência Martinho	11º 1
3859	Salvador Menano Figueiredo M. Freire	11º 1
1006	José António Gomes Sousa Pereira	11º 2
12º ANO		
395	André Bidarra Figueiredo C. Nascimento	12º 1
457	Ricardo Miguel Baião Nogueira Pedro	12º 1
546	João Duarte Pelletier S. Castro Fontes	12º 1
853	Maria de Gamboa Peixoto Escudeiro Dias	12º 1
3756	Ana Sofia Carola Cavaco	12º 1
3815	Mariana Cid Correia Barreira de Sousa	12º 1
4136	Marta Maria Magalhães da Silva	12º 1
4469	Ana Beatriz R. Pereira A. Costeira	12º 1
5053	Jessica Correia Monteiro	12º 1
3764	Frederico Oliveira Toulson	12º 2
3766	Joana Lopes da Silva Reis	12º 2
3773	Mariana Isabel Neves Marques	12º 2
850	Rita Horta Correia Gaspar	12º 4
1213	Vera Calhau Martins Vaz	12º 4
1399	Beatriz Rebelo Coelho Palma	12º 4
3813	Francisco João Martins dos Santos	12º 4
3814	Leonor Carvalho Moura Ferreira Santos	12º 4
3832	Marta Oliveira Mendes Varela Monteiro	12º 4
3839	Maria Teresa Meneses Pires M. Albino	12º 4

educar para a qualidade e excelência

Do **Quadro de Excelência** fazem parte os alunos que, no final do ano lectivo, obtenham excelentes resultados escolares, quer no domínio da **dimensão académica** quer no domínio da **dimensão humana** e tenham figurado no quadro de honra pelo menos num dos dois períodos anteriores (1º ou 2º Período).

Os critérios relativos à dimensão humana são:

1. Equilíbrio pessoal e visão positiva de si mesmo.

2. Capacidade de iniciativa e organização do seu trabalho, individual e de grupo, visando níveis de consecução elevados.

3. Liberdade responsável.

4. Abertura e tolerância na capacidade de conviver com os outros.

5. Capacidade de adaptação à mudança.

6. Interesse na participação em projectos nacionais e internacionais de índole humanitária, científica, ambiental, artística entre outras e em actividades extra-curriculares.

Para cada um dos critérios os colegas da turma e os professores do Conselho de Turma indicarão uma das três possibilidades: **Muito Evidente; Evidente; Pouco Evidente**. Só se considerarão propostos os alunos que tenham um mínimo de quatro registos de **Muito evidente**.

Quadro de Excelência 2010 | 2011

5º ANO		
3710	Gonçalo Caldeira Espinha Pinheiro Castela	5º A
3788	Miguel Pinto Correia Cardoso e Cunha	5º A
4270	Alexandra Ribeiro Verdasca	5º B
3697	Beatriz Pinto Correia Cardoso e Cunha	5º C
3703	Carolina Viegas Dias Gomes	5º C
3726	Marta de Oliveira M. Pugsley Inocêncio	5º C
3732	Teresa Maria Moura Coutinho Soromenho	5º C
4291	Francisco Henriques B. Severino Alves	5º C
4657	Catarina Simões Pinto de Miranda	5º D
4970	Afonso Morgado Mota	5º D
6º ANO		
3603	Maria Francisca Morgado Alves	6º A
4702	Beatriz da Cruz G. Rodrigues Gaspar	6º A
3579	Joana Lima Grilo Fernandes da Silva	6º B
3986	Mariana Franco Esguelha Simões	6º B
4696	Ana Rita Landeiro Filipe Sousa	6º B
3869	Ana Machado Luís	6º C
3941	Maria Inês Feliz Barreiros Gama	6º C
3946	Rita Teixeira Henriques de Miranda	6º C
3586	Sofia Matias Coimbra Martins	6º D
4690	Inês Alves Matias	6º D
4706	Catarina Castro Gaspar Cortesão Correia	6º D
4822	Mónica Vargas Harris	6º D
7º ANO		
3376	Mariana S. Espada Venâncio Carrasco	7º A
3393	Mafalda Viegas Dias Gomes	7º A
3922	Miguel Micaelo Bengala	7º A
3747	Maria Francisca Telles Freitas Xara-Brasil	7º B
3751	Rita Lopes da Costa Marques Pinto	7º B
3875	Marta Filipa Velosa Zambujal Oliveira	7º B
3359	Duarte José Rodrigues Mendes da Silva	7º C
4672	Ulisses Miguel Ribeiro Santos Ferreira	7º C
4567	Sofia Vassangi Hemrage	7º D
4569	Maria Soares de Almeida	7º E
4573	Maria Leonor Palminha Alves	7º E
4633	Beatriz Ribeiro da Cruz Costa Félix	7º E
8º ANO		
3195	Maria Inês Bispo David	8º A
9º ANO		
339	Gonçalo Lopes Martins e Pereira	9º A
554	Afonso Caldeira Espinha Pinheiro Castela	9º A
3398	Diogo Filipe Pereira Fontes Fernandes Silva	9º B
3410	Carolina Madeira Fonseca	9º B
386	Patrícia Bidarra Figueiredo Cravo do Nascimento	9º C
3808	Filipa Ribeiro Verdasca	9º C
4173	Laura Lapa Marques da Costa	9º D
10º ANO		
3271	Maria Catarina Veloso Gago da Graça	10º 1A
11º ANO		
966	Diogo Tomás Cardoso Rezio Martins	11º 1

12º ANO		
395	André Bidarra Figueiredo C. Nascimento	12º 1
457	Ricardo Miguel Baião Nogueira Pedro	12º 1
3756	Ana Sofia Carola Cavaco	12º 1
4136	Marta Maria Magalhães da Silva	12º 1
4469	Ana Beatriz R. Pereira A. Costeira	12º 1
3766	Joana Lopes da Silva Reis	12º 2
3773	Mariana Isabel Neves Marques	12º 2
850	Rita Horta Correia Gaspar	12º 4
1213	Vera Calhau Martins Vaz	12º 4

Cerimónia de entrega de medalhas do Quadro de Excelência

No dia sete de novembro teve lugar a Cerimónia de Entrega de Medalhas do Quadro de Excelência aos alunos que no passado ano letivo se destacaram, não só pelo excelente desempenho na dimensão académica mas também pelas boas qualidades evidenciadas na dimensão humana, que foram reconhecidas pelos seus pares, pelos Conselhos de Turma e pela Direção.

Mérito Matemático

O aluno foi distinguido pelo seu desempenho nas Olimpíadas Nacionais e Internacionais de Matemática: **Frederico Oliveira Toulson 12º2**

As medalhas do Quadro de Excelência e os Prémios de Mérito Académico foram entregues por elementos dos Órgãos Sociais do Colégio Valsassina, em particular do seu Conselho Superior (da esquerda para a direita): Maria Alda Soares Silva (Directora dos Departamentos Didáticos); Arquitecto Frederico Valsassina; Nuno Arantes Oliveira (CEO da Alfama); Eduardo Marçal Grilo (Administrador da Fundação Gulbenkian); João Valsassina Heitor (Diretor Pedagógico); Luis Palha (Administrador do Grupo Jerónimo Martins); Helena Manuela Almeida Guerra (Ex-Inspectora Superiora Principal do Ministério da Educação); Jorge Carvalhal (Membro do Conselho de Administração da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior).



educar para a qualidade e excelência

Prémio de mérito académico

O trabalho, dedicação, rigor e perseverança são alguns dos elementos que se assumem como diferenciadores de um percurso académico de excelência.

Pela **excelência** do percurso realizado no ensino secundário (2008/2009 – 2010/2011), quer na **dimensão académica** (traduzida pela obtenção da melhor média – 19 valores), quer na **dimensão humana**, foi atribuído o **Prémio de Mérito Académico** às alunas:

- Ana Beatriz R. Pereira A. Costeira 12º1
- Ana Sofia Carola Cavaco 12º1
- Marta Maria Magalhães da Silva 12º1

“Claro no pensar,
e claro no sentir,
É claro no querer.”

Fernando Pessoa

Per Ardua Surgo

Crescer é mais do que aprender. Educar é mais do que ensinar. Viver é saber que seremos tanto quanto quisermos ser. No Colégio fomos incentivadas a aprender, é certo, mas foi talvez o convite a desenhar um percurso de vida pautado pela exigência, pelo brio e pelo companheirismo que mais nos marcou.

O prémio de melhor aluno do secundário, que agora nos foi atribuído, será sempre partilhado entre nós e o Colégio. Afinal, aqui fomos construindo um percurso assente na vontade de fazer sempre e cada vez melhor, suportado pelo exemplo dos nossos Pais, pela dedicação dos nossos Professores, pela amizade dos nossos Colegas.

Este prémio afigura-se como o reconhecimento do trabalho e empenho em ser rosto de um projecto comum. O sucesso académico surge no seguimento da vivência da educação para o rigor, nunca excluindo uma formação humana plural. Porque, afinal, "Claro em pensar, e claro no sentir, É claro no querer" (Fernando Pessoa).

Fica a certeza de que, dispersando os nossos caminhos, não podemos nem queremos esquecer estes ideais. Assim, afirmaremos sempre com orgulho: Somos Valsassina!

Ana Sofia Cavaco, Beatriz Costeira, Marta Magalhães da Silva

Ranking nos Exames Nacionais 2011

Publicamos nesta edição da Gazeta as classificações obtidas pelo Colégio, tendo por base os dados da página oficial do Ministério da Educação – Júri Nacional de Exames – programa ENES e ENEB.

Num universo de mais de 600 escolas o Colégio manteve uma posição cimeira nos rankings tendo melhorado significativamente em algumas disciplinas.

9º ANO				
DISCIPLINAS	CIF		MÉDIA DE EXAME	
	Valsassina	Nacional	Valsassina	Nacional
Matemática	3.5	3.08	3.4	2.49
Língua Portuguesa	3.2	3.27	3.3	2.76

MÉDIAS GERAIS (11os + 12os ANOS)					
CIF		EXAME		CFD	
Valsassina	Nacional	Valsassina	Nacional	Valsassina	Nacional
14.9	13.3	13.7	10.3	14.6	12.5

EXAMES – 11º E 12º ANOS (ALUNOS INTERNOS)						
DISCIPLINAS	CIF		NOTA MÉDIA DE EXAME		CFD	
	Valsassina	Nacional	Valsassina	Nacional	Valsassina	Nacional
Matemática A	16.9	13	17	9.9	19.9	12.2
Português	12.9	13.3	11.6	9.5	12.6	12.3
GD A	16.8	14	18.5	9.5	17.4	12.8
Biologia e Geologia	15.8	13.6	13.9	10.9	15.2	12.9
Economia A	15.7	14.2	12.8	11.9	15	13.6
Física e Química A	15.1	12.9	15.1	10	15	12.1
Geografia A	14.3	13.2	13.5	11.2	14.1	12.6
Desenho A	17	15.2	13.5	11.9	16.2	14.3

CIF - Classificação Interna Final

CFD - Classificação Final de Disciplina

EXAMES DO ENSINO SECUNDÁRIO – 11º E 12º ANO (UNIVERSO DE 616 ESCOLAS):

- 1º lugar a Matemática A
- 2º lugar a Geometria Descritiva A
- 7º lugar a Física e Química A
- 20º lugar a Biologia e Geologia
- 21º lugar a Geografia A

Geral – 14º lugar

Acesso ao Ensino Superior 2011. 100% de Sucesso

ALUNO	CURSO	ESCOLA
Adriana Reis Monteiro	Arquitectura	Instituto Superior Técnico
Ana Beatriz Costeira	Medicina	Faculdade de Medicina – Universidade de Lisboa
Ana Sofia Carôla Cavaco	Medicina	Faculdade de Medicina – Universidade de Lisboa
André Bidarra Nascimento	Engenharia Civil	Instituto Superior Técnico
André Gil Martins Pedro	Engenharia Electrotécnica e de Computadores	Instituto Superior Técnico
António Couceiro Magalhães Baião	Gestão	Faculdade de Economia – Univ. Nova de Lisboa
Beatriz Picciochi Ferro dos Santos	Audiovisual e Multimédia	Escola Superior de Comunicação Social – IPL
Beatriz Rebelo Coelho Palma	Escultura	Faculdade de Belas Artes – Universidade de Lisboa
Bruno da Costa Albuquerque	Engenharia de Materiais	Instituto Superior Técnico
Eduardo de Gouveia Marques	Economia	Faculdade de Economia – Univ. Nova de Lisboa
Fernando António Pombo Vaz	Gestão	Faculdade de Economia – Univ. Nova de Lisboa
Filipe Mateus Azevedo	Engenharia Aeronáutica	Universidade da Beira Interior
Francisco João Santos	Arte Multimédia	Faculdade de Belas Artes – Universidade de Lisboa
Francisco Miguel Ildefonso Nunes	Engenharia Informática e de Computadores	ISEL – Instituto Politécnico de Lisboa
Frederico Oliveira Toulson	Matemática Aplicada à Economia e à Gestão	ISEG – Univ. Técnica de Lisboa
Guilherme Filipe Amaro Rebelo	Engenharia Civil	Instituto Superior Técnico
Iara Sofia Pereira Ramos	Medicina Chinesa	Instituto Pedro Choy
Jessica Correia Monteiro	Engenharia Zootécnica	Instituto Superior de Agronomia – UTL
Joana Lopes da Silva Reis	Economia	Universidade Católica
Joana Raquel Fernandes	Gestão	Escola Superior de Tecnologia e Gestão Instituto Politécnico de Leiria
João Pedro Carvalho	Geografia e Planeamento Regional	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa
João Duarte Fontes	Arquitectura	Instituto Superior Técnico
José Marcelo Machado	Engenharia Civil	Instituto Superior Técnico
Leandro José Lagoa Gonçalves	Gestão	Faculdade de Economia – Univ. Nova de Lisboa
Leonor Bentes de Oliveira Costa	Finanças e Contabilidade	ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Leonor Carvalho Santos	Engenharia Civil	Instituto Superior Técnico
Manuel Amorim de Oliveira Perdigão	Engenharia Civil	Instituto Superior Técnico
Manuel João Fernandes	Gestão	Faculdade de Economia – Univ. Nova de Lisboa
Maria de Gamboa Escudeiro Dias	Gestão	Faculdade de Economia – Univ. Nova de Lisboa
Maria dos Passos Franco Carreira	Design de Moda	Faculdade de Arquitectura – Univ. Técnica de Lisboa
Maria Raquel Alves Veloso	Engenharia de Materiais	Instituto Superior Técnico
Maria Teresa Albino	Filosofia	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL
Mariana Cid Correia Sousa	Engenharia Civil	Instituto Superior Técnico
Mariana Isabel Neves Marques	Gestão	Universidade Católica
Mariana Leonardo Ramos	Gestão	Universidade Católica
Marta Leandro Pessoa e Costa	Conservação e Restauro	Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade Nova de Lisboa
Marta Maria Magalhães da Silva	Arquitectura	Instituto Superior Técnico
Marta Oliveira Varela Monteiro	Design Gráfico e Multimédia	Escola Sup. de Artes e Design das Caldas da Rainha
Nuno Alexandre Pinto Gusmão	Matemática Aplicada e Computação	Instituto Superior Técnico
Pedro Rafael Pontes Michels	Engenharia Informática	Faculdade de Ciências – Universidade de Lisboa
Ricardo Miguel Baião Pedro	Engenharia Mecânica	Instituto Superior Técnico
Rita Horta Figueiredo Gaspar	Design de Comunicação	Faculdade de Belas Artes – Universidade de Lisboa
Sara Alvarez Raposo	Gestão do Desporto	Faculdade de Motricidade Humana
Sohebe Sabir Sattar	Gestão	Universidade Católica
Valentin Voynov Guerreiro Caetano	Ciências Farmacêuticas	Faculdade de Farmácia – Universidade de Lisboa
Vasco de Aragão Carvalho	Gestão	Faculdade de Economia – Univ. Nova de Lisboa
Vera Calhau Martins Vaz	Design de Comunicação	Faculdade de Belas Artes – Universidade de Lisboa

educar para a qualidade e excelência

Jovens repórteres para o ambiente do Colégio Valsassina foram distinguidos com dois primeiros prémios

Jovens Repórteres para o Ambiente (JRA) é um Programa internacional que envolve atualmente 22 países a nível mundial. Este Programa, que decorre em Portugal desde 1994, destina-se fundamentalmente aos estudantes do Ensino Secundário e Profissional, pretendendo contribuir para o treino do exercício de uma cidadania ativa e participativa. Inicia-se com um projeto local que os jovens investigam reportam e comunicam recorrendo aos jornais, internet e outros meios de comunicação.

No concurso nacional de 2011 o trabalho realizado pelos alunos do Valsassina foi premiado em duas categorias:

- **Melhor artigo em português:** Evolução da biodiversidade existente na ilha da Berlenga, o caso do Airo (*Uria aalge*) e da Gaivota de patas-amarelas (*Larus michahellis*).
- **Melhor artigo em inglês:** On the way to a low-carbon schools - The work developed in Colégio Valsassina (Lisbon, Portugal) and Holmegårdsskolen (København SV, Denmark).

Este grupo JRA é constituído pelos elementos: **Beatriz Costeira; Carolina Fonseca; Maria Gonçalves; Mariana Martinho; Margarida Delgado; Teresa Silveira.**

Os trabalhos podem ser consultados em <http://www.abae.pt/programa/JRA/concursos/2011/index.php?p=premiados>.

Colégio Valsassina distinguido com Galardão Bandeira Verde pelo oitavo ano consecutivo

Pelo oitavo ano consecutivo foi atribuído o Galardão Bandeira Verde ao Colégio Valsassina. A cerimónia de entrega das Bandeiras Verdes realizou-se em Oliveira de Azeméis no passado dia 7 de outubro.

O projeto ecoValsassina iniciou-se em 2003. Desde então toda a comunidade escolar está junta num esforço comum: um melhor ambiente, um melhor futuro.

Olimpíadas ibero-americanas da Matemática

O aluno **Frederico Toulson** (12^o2) conquistou uma **medalha de prata** na 26^a edição das Olimpíadas ibero-americanas de matemática. Esta competição realizou-se na Costa Rica, em setembro de 2011.

A delegação portuguesa teve a melhor prestação de sempre, com 102 pontos coletivos, numa competição que envolveu estudantes de Portugal, Espanha e da América Latina.

Apresentação dos trabalhos vencedores no Seminário Nacional JRA, Campo Maior, 19 de Novembro de 2011

Colégio em ação Valsamat 2011

Realizou-se de 7 a 11 de novembro, a ValsaMat 2011 – Semana da Matemática do Colégio Valsassina. Tal como nos anos anteriores, a ValsaMat foi o pretexto para levar aos alunos uma visão mais lúdica e divertida da Matemática, diferente da matemática “de papel e lápis” a que estão habituados.

Da programação deste ano destacamos as sessões dinamizadas pelo Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova, destinadas aos alunos do 8º ano os quais foram convidados a resolver alguns desafios. Por sua vez, esta semana coincidiu, mais uma vez, com a 1ª Eliminatória das Olimpíadas Portuguesas da Matemática, organizadas pela Sociedade Portuguesa da Matemática – prova em que o Colégio tem um largo historial de sucesso. Este ano registou-se a maior adesão de sempre a esta competição, tendo envolvido alunos do 2º, 3º ciclo e secundário. Os resultados podem ser consultados em www.cvalsassina.pt.

Semana da Ciência e da Tecnologia 2011

A Semana da Ciência e da Tecnologia decorreu de 21 a 27 de novembro de 2011, e teve como ponto alto a comemoração do Dia Nacional da Cultura Científica (24 de novembro).

Durante esta iniciativa, instituições científicas, escolas, universidades, entre outros, promove ações de divulgação e comunicação para o público e população escolar.

Mais uma vez o Colégio Valsassina assinalou esta semana dinamizando várias atividades para toda a comunidade escolar de modo a despertar a curiosidade para o mundo que nos rodeia; motivar os alunos para a Ciência; e contribuir para um aumento da sua literacia científica.

Da programação deste ano destacamos:

- Conferência com o **professor doutor Carlos Fiolhais** (“O Big Bang e a expansão acelerada do Universo”).
- Laboratórios abertos com atividades dinamizadas pelos alunos do ensino secundário para os colegas do 1º e 2º ciclo.
- Exposição de trabalhos: “Modelos de células em 3D”; “Instrumentos de som – estudo do som”; “os elementos da tabela periódica”; “cartazes com regras de segurança em laboratório”.
- Ação de plantação integrada no Dia da Floresta Autóctone.
- Workshop sobre gastronomia molecular.



Em ação na música

Aprender a tocar guitarra no Valsassina

Marco Ribeiro de Carvalho Professor de guitarra

O objetivo das nossas aulas de guitarra é desafiar os alunos a tocar os temas dos seus ídolos preferidos.

Têm uma componente mais prática do que teórica, de forma a que o aluno consiga aprender a tocar o mais rapidamente possível e sentir o retorno do seu empenho sem, no entanto, ter uma carga demasiado exigente, pois trata-se de ocupação de tempos livres e lazer, onde o objetivo principal é ocupar o tempo do aluno numa atividade do seu interesse.

São administradas semanalmente existindo diferentes classes com diferentes níveis de conhecimentos e experiência.

Ao fim de poucas semanas a maior parte dos alunos consegue tocar alguns temas de fácil execução, resultando na satisfação e motivação do aluno.

A sensação de conseguir tocar uma música da qual se gosta é tão agradável que, quando o conseguem, ficam de facto entusiasmados e ao mesmo tempo surpreendidos pelo feito alcançado.

Quando o nível atingido já o permite, formamos conjuntos ou pequenas bandas onde cada aluno tem uma função diferente na mesma.

Assim, enquanto alguns se encarregam de tocar o ritmo, outros asseguram a linha de “baixo” e outros o harpejo ou mesmo o solo.

Existem mesmo alguns alunos que evoluem para a guitarra elétrica, formando bandas mesmo fora do colégio.

Todos os anos os alunos participam em algumas atividades e festas onde demonstram as suas capacidades e habilidades: a festa de Natal, o dia do Colégio e o concerto da primavera.

Contamos já com 14 anos de aulas e o resultado é extremamente positivo.

As inscrições estão abertas e ainda existem vagas para este ano letivo. Qualquer aluno pode assistir às aulas e perceber se querará integrar o grupo.

As aulas são administradas à 3ª e 5ª feira, das 13.45h às 14.45h, no auditório.

Aconteceu...

Formação de professores

Na sequência do plano de formação definido pela direção do Colégio Valsassina, realizou-se em setembro uma ação dinamizada pelo **Professor Doutor Pedro Rosário**, da Universidade do Minho. Esta formação destinou-se a todos os professores e teve como tema “Autoregulação e Motivação dos alunos”. Esta temática continuará a ser desenvolvida ao longo deste ano letivo em sessões de trabalho, com grupo de docentes por ciclo de ensino.

Plano de Evacuação/Emergência do Colégio Valsassina

No âmbito do Plano de Evacuação/Emergência do Colégio realizaram-se durante o mês de outubro, ações de formação para todos os colaboradores. Após estas ações, têm sido realizados exercícios de simulação, contribuindo para a adoção de comportamentos responsáveis em situações de emergência.

Bookcrossing

O Bookcrossing funciona como um clube de livros, que atravessa o tempo e o espaço. Foi com este espírito que, durante o dia europeu das línguas, foi lançado para toda a comunidade escolar do Colégio Valsassina, o Bookcrossing. A grande meta: transformar a escola inteira numa biblioteca. Durante a semana das línguas, no 2º período, serão premiados os alunos que mais livros leram.

Viver o outono...

O outono chegou e a forma mais significativa de o Sentir e Aprender no Jardim de Infância é através dos 5 sentidos... Em particular, os alunos foram desafiados a **Ver** as cores das folhas; a **Cheirar** as ervas e os frutos da época; a **Ouvir**...os sons da Natureza; a **Provar** os sabores da época e a **Mexer** as diferentes texturas. Entre as atividades realizadas destacamos: uma visita ao Jardim Tropical; a produção de Marmelada; a elaboração de painéis com árvores.

Halloween

O Halloween foi assinalado no Colégio de diversas formas, entre as quais destacamos:

- Os alunos do 1º ciclo realizaram trabalhos recorrendo à técnica de desenho a carvão.
- Os alunos do 7º ano dinamizaram pequenas dramatizações sobre os principais aspetos relacionados com o Halloween.

Workshop de escrita criativa

Imaginação e criatividade foram os elementos dominantes nos Workshops de escrita criativa que se realizaram com os alunos das turmas do 6º ano. A atividade, que se realizou no passado dia 2 de novembro, foi dinamizada pela “Mundo Brillhante”.

Sessão com investigadora Ana Mourão

“Os filhos das estrelas” foi o tema de uma sessão dinamizada pela professora e investigadora **Ana Mourão**. A expansão do Universo, as leis da física, o ciclo de vida das estrelas, os ciclos dos elementos, foram alguns dos assuntos tratados nesta sessão que se destinou aos alunos do curso de ciências e tecnologias do 10º ano.



Aconteceu...

A Arte e as TIC - 1º Ciclo

No âmbito da disciplina A Arte e as TIC estando a ser trabalhado o tema "retrato" os alunos do 1º ano visitaram, durante o mês de outubro, a exposição "Retratos em Barro" no Museu Rafael Bordalo Pinheiro. De seguida, foi-lhes pedido que trouxessem uma fotografia de alguém próximo, para a poderem trabalhar numa outra versão dos retratos vistos. O resultado foi um conjunto de trabalhos cheios de imaginação e muita cor, que culminou na sua exposição no hall de entrada do 1º Ciclo durante o mês de novembro.

Sessões de sensibilização e prevenção de consumo de álcool.

As turmas do 8º ano do Colégio Valsassina participaram no Projeto Boomerang da Associação de Estudantes da Faculdade Medicina de Lisboa. Este projeto permitiu que alguns estudantes de medicina voltassem a sua antiga escola para dinamizar uma ação de sensibilização sobre os perigos associados ao consumo de álcool. Foi possível contar com a presença das antigas alunas **Margarida Saramago, Rita Amaral e Rita Ferrito**.

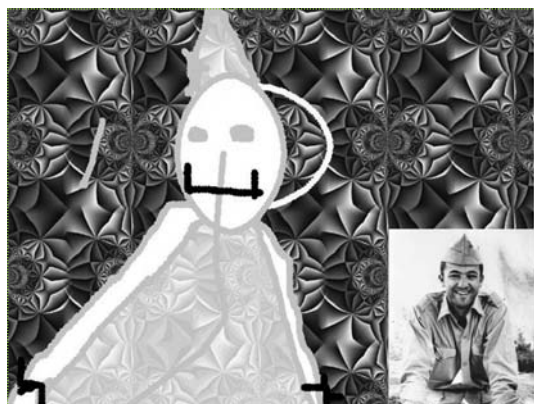
Workshop de debate em inglês

No fim-de-semana de 19 e 20 de novembro decorreu um workshop de debate em inglês na Escola Internacional de Oeiras, organizado pela fundação Legacy Scholarship Fund of Portugal e pela English Speaking Union. Os formadores convidados foram Neil Harvey-Smith, júri da Final Mundial Universitária de Debate e consultor de comunicação empresarial assim como Beth Harvey-Smith, finalista da competição Mundial Universitária de Debate em 2009 e advogada de profissão.

As seguintes alunas do 11º ano quiseram inscrever-se para participar neste workshop: **Ana Rita Monteiro, Ana Sofia Correia, Beatriz Quiaos; Mariana Viegas do 11º ano 1A e Carolina Fontes e Mariana Correia do 11º 4**. A sua participação, tratava-se de uma situação de aprendizagem excepcional, cuja relevância estas alunas perceberam e de que decidiram beneficiar. As alunas participantes estão de parabéns por três motivos: envolveram-se neste workshop com determinação e vontade de aprender; revelaram competência na gestão do seu tempo, uma vez que, apesar de terem testes de Português e Matemática na semana seguinte conseguiram organizar o seu estudo de modo a participar no workshop de debate, e, finalmente, correram riscos ao serem confrontadas com um elevado nível de produção oral, não receram expor-se perante colegas bilingues que frequentam escolas inglesas. Esta ousadia resultou num crescimento próprio e numa descoberta do quanto ainda podem aprender. Parabéns! As Professoras **Liliana Moreira; Ana Paula Gouveia; Patrícia Mendes**.

Pedy paper a Lisboa Medieval

Chafariz D'El-Rei, Castelo de S. Jorge, Porta do Sol, as ruas e becos de Alfama, as Escolas Gerais, uma casa quinhentista, o mais antigo sinal de trânsito de Lisboa, foram apenas alguns dos locais escolhidos para o pedy paper que os alunos do 8º ano foram desafiados a fazer, no passado mês de novembro. Viver a história *in loco* de uma forma criativa e divertida foi o mote para uma atividade interdisciplinar que levou os alunos à descoberta de Lisboa medieval.



Campanha de Natal – recolha de produtos alimentares

Mais uma vez o Colégio mobilizou-se em torno da campanha de Natal, tendo como objetivo recolher apoios para algumas instituições. No 1º ciclo, os alunos e suas famílias procederam à recolha de brinquedos, roupas e material diverso de puericultura, que teve como destino o **Hospital D. Estefânia**, a **Casa Sol** e o **Banco do Bebê** (Ass. sediada na **Maternidade Alfredo da Costa**). Enquanto isso, do 2º ciclo até ao secundário, procedeu-se à recolha de produtos alimentares, destinados à **Paróquia de S. Maximiliano Kolbe de Marvila** (onde o Colégio está inserido), aos Sem-Abrigo da área da **Junta de Freguesia de Marvila** e à **Casa de S. Miguel** (instituição de apoio a crianças).

Encontro com a escritora Luísa Ducla Soares

No dia 7 de Dezembro os alunos do 4º ano estiveram à conversa com a escritora Luísa Ducla Soares. “O meu primeiro Eça de Queirós” é um dos livros desta autora e foi o ponto de partida para o encontro com os nossos alunos.

Colóquios sobre empreendedorismo

“Empreendedorismo: uma visão para o futuro” foi o tema de uma sessão dinamizada pelo **Doutor Nuno Arantes e Oliveira** e pelo **Engenheiro Rodolfo Condesa**, que se realizou no passado dia 13 de dezembro. Este colóquio que se destinou, essencialmente, aos alunos do curso de Ciências e Tecnologias, possibilitou uma reflexão e debate sobre a importância de uma atitude criativa, “inquieta”, e de assumir riscos.

Aconteceu no desporto...

Campeonatos de Xadrez

O xadrez é uma atividade que tem já tradição no Colégio Valsassina, com várias dezenas de participantes no 1º ao 3º ciclo. Os resultados seguintes referem-se aos campeonatos realizados ao longo do ano 2010/2011.

- Pré-Primária: 1º lugar – **Afonso Quintas** (5 anos, A)
- 1º ano: 1º lugar – **Gonçalo Abreu** (1º B)
- 2º ano: 1º lugar – **Diogo Costa** (2º A)
- 3º ano: 1º lugar – **Miguel Tribuna** (3º C)
- 4º ano: 1º lugar – **Duarte Vilamaior** (4º A)
- Final do campeonato do 1º ciclo: 1º lugar – **João Silva** (3º C)
- Campeonato 2º/3º ciclo. 1º lugar – **Francisco Neves** (7º E)

Futsal: Equipa do Colégio vence torneio

No dia 17 de Novembro realizou-se, na Escola Damião de Góis, o 1º Torneio de infantis Futsal. Entre seis escolas presentes, a equipa Valsassina venceu o torneio. Os parabéns aos alunos: **Miguel Cunha**, **Diogo Palma Carlos**, **José Silva**, **Tiago Rocha**, **Manuel Cabral**, **João Araújo**, **Francisco Begonha**, **Gonçalo Castela** e **Pedro Andrade**.



Vai acontecer...

Janeiro

- “Empreendedorismo: uma visão para o futuro”. Colóquio com Dr. Luís Palha
- Sessão para pais e encarregados de educação com Doutor Mário Cordeiro.
- Semana da Geografia
- Olimpíadas do Ambiente

Fevereiro

- Olimpíadas da Matemática
- Olimpíadas da Biologia

Março

- Semana das Línguas
- Semana da Educação Física

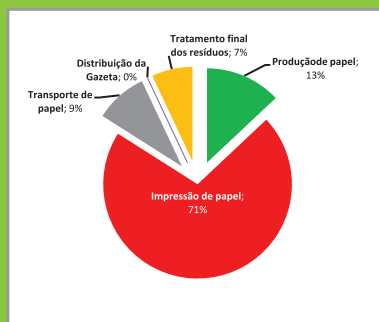
**Próxima edição
da Gazeta Valsassina
Motivação
e autorregulação**

Gazeta Valsassina é uma publicação livre de emissões de carbono

O ciclo de vida da Gazeta Valsassina ao longo do ano letivo 2010/2011, implicou a emissão de 2 ton CO2e para a atmosfera.

Estas emissões foram compensadas através da aquisição de créditos de carbono verificado (VER's Gold Standard)

Estes créditos são verificados por entidades acreditadas pelas Nações Unidas de acordo com o Gold Standard e são provenientes de um projeto de produção de energia renovável (eólica) para substituir uma rede de eletricidade muito dependente de combustíveis fósseis na Turquia. Para além dos benefícios desta energia renovável, o projeto contribui para o desenvolvimento sustentável através da promoção do emprego local, de procura de materiais a empresas locais, obras de beneficiação das habitações das comunidades desta zona oeste da Anatólia, entre outros exemplos.



Processo de Compensação Carbonfree

A compensação de emissões de gases com efeito de estufa (GEE) (ou pegada de carbono) é a única forma de anular o impacto das atividades humanas no nosso clima comum. Por cada tonelada de carbono emitida há um investimento em toneladas de carbono reduzidas, evitadas ou retiradas da atmosfera.

O Colégio Valsassina apostou neste mecanismo para complementar o seu esforço de redução interna num compromisso de responsabilidade climática rumo a uma Low Carbon School.

Este processo começa definindo as fronteiras do cálculo da pegada. Depois passa-se ao cálculo da pegada de carbono utilizando orientações e metodologias internacionalmente aceites, contando com o apoio da Eco-progresso. De seguida, a equipa do Colégio Valsassina seleciona um dos projetos que o Carbonfree disponibiliza (O Código de Ética do Carbonfree está disponível em www.cvalsassina, "Ed. Ambiental").

O Carbonfree seleciona projetos que garantem uma efetiva redução de carbono da atmosfera, por isso têm de passar uma série de critérios rigorosos que estão em linha com o definido pelo International Carbon Reduction and Offset Alliance (ICROA). O último passo é adquirir e retirar de circulação os créditos equivalentes às emissões calculadas.

Em 2011/2012 a Gazeta Valsassina continuará a ser uma publicação Carbonfree.

1. Definir as fronteiras



2. Calcular/ validar a pegada de carbono



3. Selecionar o projeto



4. Compensar e comunicar



